

PAMELA MILBRATZ

**HISTÓRIAS DAS MULHERES DA PARÓQUIA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO
LUTERANA APÓSTOLO JOÃO: PARTES INSPIRADORAS DE UM MOSAICO DE
PROTAGONISMO E FÉ**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia
Histórico-Sistemática
Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos
e Diversidade

Orientador: Dr. Oneide Bobsin

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M638h Milbratz, Pamela

Histórias das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João: partes inspiradoras de um mosaico de protagonismo e fé / Pamela Milbratz, orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018. 75 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. Mulheres na Igreja Luterana. 2. Mulheres – Aspectos religiosos – Igreja Luterana. 3. Feminismo – Aspectos religiosos. 4. Teologia feminista. I. Bobsin, Oneide. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

PAMELA MILBRATZ

**HISTÓRIAS DAS MULHERES DA PARÓQUIA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO
LUTERANA APÓSTOLO JOÃO: PARTES INSPIRADORAS DE UM MOSAICO DE
PROTAGONISMO E FÉ**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia
Histórico-Sistemática
Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos
e Diversidade

Data de Aprovação:

Oneide Bobsin– Doutor em Teologia – Faculdades EST

André Sidnei Musskopf – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Dedico essa pesquisa a todas as mulheres que inspiram e motivam o meu viver. De maneira especial, dedico essa pesquisa às mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, Jaraguá do Sul. Cada uma com sua história é parte inspiradora de um mosaico de fé e protagonismo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de esperança e de alegria. Ele que concedeu diversas alegrias e descobertas em todo o processo de pesquisa. Mas que também concedeu esperança, que floriu os momentos de desertos vividos.

Ao meu marido, Jaime José Ruthmann, por sempre me motivar e me apoiar. Por partilhar com alegria os momentos de sorrisos, de descobertas e de inspiração, mas também por partilhar e ser apoio nos momentos de dúvida, de incerteza e de dificuldade. Por ser parceiro de vida e de caminhada em todos os momentos.

A minha família, mãe e pai, por sempre me ensinar a importância do estudo e da busca do conhecimento. Uma busca por conhecimento engajada com a transformação do mundo, num lugar mais justo e belo para todas as pessoas.

Aos meus cães Cindy e Leloup pela companhia nos momentos de leitura, de reflexão e de escrita. Nas vezes em que o cansaço abatia, vinham sempre com suas carícias caninas para motivar e alegrar. Nos momentos de empolgação e inspiração, estavam sempre celebrando latindo e pulando de alegria.

Ao meu orientador, o professor Dr. Oneide Bobsin, pela paciência e acompanhamento dedicado, em todo o processo de elaboração da pesquisa. Pelo seu incentivo em reconhecer as belezas da pesquisa por mim realizada. Pelas correções e sugestões inspiradoras para que o trabalho alcançasse os seus objetivos.

Às mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João pela partilha das suas histórias, do seu testemunho de fé e protagonismo. Eles que continuam sendo fonte de inspiração para todas nós.

A todas as lideranças da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João pela compreensão nos momentos em que tive que me ausentar do trabalho. Pela motivação e apoio para que eu pudesse concluir essa pesquisa.

A todas as mulheres, amigas e parceiras de caminhada, que sempre me ensinaram que sozinha eu ando bem, mas com vocês ando, vivo e produzo conhecimento muito melhor.

A Coordenação de Gênero da IECLB, na pessoa da Pastora Carmen Siegle, por todo apoio e dedicação para que todos os processos da pesquisa fossem alcançados com êxito.

RESUMO

Esta pesquisa busca investigar a história escrita da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Essa investigação tem por objetivo perguntar pela presença ou ausência das mulheres. Para essa investigação, serão utilizados elementos da Hermenêutica Feminista, sendo eles: Suspeita, Gênero, Desconstrução e Reconstrução. A partir desses elementos, tomar consciência de que a maneira que produzimos conhecimento busca ser linear, universal e objetiva. Além disso, cria hierarquias e dicotomias, produzidas pela sociedade androcêntrica e patriarcal que vivemos. Essas hierarquias e dicotomias invisibilizaram a experiência e a presença das mulheres dentro da história escrita da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Por isso, é necessário desconstruir e reconstruir os métodos utilizados para a produção do conhecimento histórico, buscando um novo estômago capaz de digerir e de reconstruir a história produzida pelas mulheres. Percebe-se a Historiografia Feminista como esse novo estômago. Isso porque ela questiona a maneira universal, linear e objetiva de produzir conhecimento histórico. Como também propõe novos modelos, paradigmas e conceitos para a produção do mesmo. Dentre esses conceitos, a presente pesquisa utilizará o conceito de Experiência, Cotidiano, Memória e Histórias de Vida. Esses conceitos tornam as mulheres produtoras de conhecimento histórico. Proporciona que elas tenham vez e voz para contar a história. Possibilitam que as mulheres transformem a sua história individual e também a história coletiva. A partir desses conceitos, busca-se reconstruir a história escrita da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Esses conceitos que dão base para a campanha da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), denominada: Em Comunhão com as Vidas das Mulheres. Ela que servirá como uma excelente ferramenta para a reconstrução da história das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Isso porque através dela, as mulheres são inspiradas a contar e escrever a sua história, produzindo assim conhecimento histórico e sendo também inspiração de fé. Através da campanha, a história das mulheres vai sendo resgatada. Cada história é uma parte inspiradora de um mosaico de fé e protagonismo.

Palavras chave: História. Feminismo. Mulheres. Protagonismo. Igreja. Fé.

ABSTRACT

This research seeks to investigate the written history of the Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João [Apostle John Evangelical Parish of Lutheran Confession]. The goal of this investigation is to ask about the presence or absence of the women. For this investigation, elements of Feminist Hermeneutics will be used, them being: Suspicion, Gender, Deconstruction and Reconstruction. Based on these elements we become aware that the way in which we produce knowledge seeks to be linear, universal and objective. Besides this, it creates hierarchies and dichotomies, produced by the androcentric and patriarchal society in which we live. These hierarchies and dichotomies invisibilized the experience and the presence of the women within the written history of the Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. That is why it is necessary to deconstruct and reconstruct the methods used to produce historical knowledge, seeking a new stomach that is able to digest and reconstruct the history produced by the women. One perceives the Feminist Historiography as being this new stomach. This because it questions the universal, linear and objective way of producing historical knowledge. It also proposes new models, paradigms and concepts for the production of the same. Within these concepts, this research utilizes the concept of Experience, Daily Life, Memory and Life Stories. These concepts make women producers of historical knowledge. It propitiates that they have a voice and vote in telling history. It makes it possible for the women to transform their individual history as well as the collective history. Based on these concepts we seek to reconstruct the written history of the Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. These concepts give the foundation for the campaign of the Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), called: In Communion with the Lives of the Women. It will serve as an excellent tool for the reconstruction of the women's history of the Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. This because it is through this campaign that the women are inspired to tell and write their story, thus producing historical knowledge and also being an inspiration for faith. Through the campaign, the history of the women is recovered. Each story is an inspiring part of a faith and protagonism mosaic.

Keywords: History. Feminism. Women. Protagonism. Church. Faith.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 MULHERES: PRESENTES OU AUSENTES NA HISTÓRIA DA PARÓQUIA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA APÓSTOLO JOÃO..... | 15 |
| 1.1 Introdução..... | 15 |
| 1.2 Breve panorama histórico da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João | 15 |
| 1.3 Elementos da Hermenêutica Feminista: varrendo a história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João na busca das mulheres... | 18 |
| 1.3.1 <i>Suspeita.....</i> | <i>20</i> |
| 1.3.2 <i>Gênero.....</i> | <i>22</i> |
| 1.3.3 <i>Desconstrução e Reconstrução.....</i> | <i>26</i> |
| 1.3.4 <i>Perguntas norteadoras para a Análise das Atas de Fundação das Comunidades da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João.....</i> | <i>29</i> |
| 1.4 Resultado da análise das Atas de Fundação das Comunidades da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João..... | 30 |
| 1.5 Conclusão..... | 32 |
| 2 HISTORIOGRAFIA FEMINISTA: UM ESTÔMAGO PARA DIGERIR E RECONSTRUIR A HISTÓRIA DAS MULHERES..... | 35 |
| 2.1 Introdução..... | 35 |
| 2.2 Historiografia Feminista | 35 |
| 2.2.1 <i>Experiência</i> | <i>38</i> |
| 2.2.2 <i>Cotidiano.....</i> | <i>41</i> |
| 2.2.3 <i>Memória das mulheres</i> | <i>43</i> |
| 2.2.3 <i>Histórias de Vida.....</i> | <i>45</i> |
| 2.3 Conclusão..... | 48 |
| 3 EM COMUNHÃO COM AS VIDAS E COM AS HISTÓRIAS DAS MULHERES DA PARÓQUIA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA APÓSTOLO JOÃO PARA RECONSTRUIR A HISTÓRIA | 51 |
| 3.1 Introdução..... | 51 |
| 3.2 Motivação da Campanha em Comunhão com as vidas das mulheres..... | 51 |

| | |
|---|-----------|
| 3.3 Objetivo da Campanha em Comunhão com as vidas das mulheres..... | 54 |
| 3.4 Metodologia da Campanha em Comunhão com as vidas das mulheres.. | 55 |
| 3.5 Histórias das Mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João..... | 56 |
| 3.5.1 História de Darci Becker Maas..... | 56 |
| 3.5.2 História de Erna Tank Gaedtke | 57 |
| 3.5.3 História de Esther Lietz..... | 57 |
| 3.5.4 História de Helga Ehlert Witthoef..... | 58 |
| 3.5.5 História de Helga Maas Eggert..... | 59 |
| 3.5.6 História de Irmgard Schulz Drews..... | 61 |
| 3.5.7 História de Joanilde Gaedtke | 61 |
| 3.5.8 História de Lúcia Marquardt Pommerening..... | 62 |
| 3.5.9 História de Lília Sasse Drews..... | 63 |
| 3.5.10 História de Luci Heidecke Bauer | 64 |
| 3.5.11 História de Ruth Walz..... | 66 |
| 3.5.12 História de Trudi (Gertrudes) Bublitz..... | 67 |
| 3.5.13 História de Tusnelda Tilmann..... | 67 |
| 3.5.14 História de Wally Gaedtke Drews..... | 68 |
| 3.5.15 História de Wanda Krueger Reinke..... | 69 |
| 3.6 Conclusão | 70 |
| CONCLUSÃO | 73 |
| REFERÊNCIAS | 77 |

INTRODUÇÃO

No ano de 2014, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em Parceria com o Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST (PGR), lançou a campanha: “Em Comunhão com as Vidas das Mulheres. Nessa campanha mulheres são convidadas a contar e a escrever sua história, como também a sua contribuição para história de sua comunidade de fé e da IECLB como um todo. Esse processo tem como objetivo registrar a memória e a participação das mulheres na história da IECLB. Com isso, quer-se visibilizar e valorizar a participação das mulheres. Uma das motivações para a criação da campanha foi a inquietação que, mesmo as mulheres tendo uma grande participação e protagonismo nas comunidades da IECLB, as suas experiências, participação e o protagonismo pouco foram preservados pela história escrita das comunidades da IECLB.

Atuando na Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, Jaraguá do Sul-SC, eu como mulher, jovem e pastora da IECLB também fico me perguntando pela presença das mulheres na história escrita da mesma. Essa inquietação ocorre quando nas atas e placas de fundação dos templos somente aparecem o nome de homens e quando aparecem as mulheres seu nome não é mencionado, sendo mencionada somente como viúva do fulano de tal.

Encontramos pouco registro referente as mulheres e a sua contribuição na história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Até porque quem teve e ainda tem o poder de liderar e de registrar a história da Igreja são os homens. Devido a isso, mesmo que as mulheres sejam participantes e protagonistas da história, elas são impedidas de saber e de contar a sua contribuição na história. Ela é protagonista, mas não é permitida de ser interprete. Essa situação gera uma desvalorização da mulher e dos seus feitos. Faz com que, mesmo as mulheres atuando de maneira engajada e apaixonada para edificação das comunidades, as quais pertencem, elas não se sintam motivadas e nem capacitadas para ocupar cargos de liderança dentro das mesmas.¹

Para transformar essa situação é necessário conhecer, resgatar e registrar a memória das mulheres que fizeram e que fazem parte da história da Paróquia

¹ DEIFELTD, Wanda; Temas e Metodologias da Teologia Feminista. In. SOTER (org). *Gênero e Teologia*. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: SOTER, 2003. p. 182.

Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Nesse processo, possibilitar que as próprias mulheres tenham vez e voz para saber e contar sua participação e protagonismo na história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João.

A partir da inquietação sobre a ausência e a presença das mulheres na história escrita da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João e do desejo de transformar essa realidade, nasce o impulso para essa pesquisa. Ela que tem como objetivo olhar para história escrita da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, Jaraguá do Sul-SC, perguntando-se pela participação das mulheres. A história que é escrita sob uma ótica condicionada a um contexto, a uma linguagem e a uma cultura bem específica. Fato, muitas vezes, esquecido pelo método Histórico Tradicional. Ele que, geralmente, torna esse olhar específico em um olhar linear, universal e objetivo. Assim, em primeiro lugar, a pesquisa busca, a partir de elementos da Hermenêutica Feminista, analisar a história escrita, verificando em que medida a participação das mulheres foi valorizada pelas pessoas ou grupos que registraram a história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Feito isso, utilizar elementos da Historiografia Feminista para repensar a maneira que a história é construída e escrita, visando recuperar as histórias, experiências e o protagonismo das mulheres. Para esse processo de recuperação, percebe-se a campanha Em Comunhão com as Vidas das Mulheres, proposta pela IECLB, como uma excelente ferramenta.

Para alcançar os objetivos, apresentados acima, a pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo tem como título: Mulheres: presentes ou ausentes na História da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Este capítulo tem como objetivo investigar a presença ou a ausência das mulheres na história escrita da fundação das comunidades, que formam a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, em Jaraguá do Sul, SC. Para essa investigação serão analisadas as atas da fundação das quatro comunidades, que compõem a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. A análise das atas se dará a partir de ações metodológicas, propostas pela Hermenêutica Feminista, sendo elas: Suspeita, Gênero, Desconstrução e Reconstrução. Para chegar no seu objetivo, além das atas de fundação das quatro comunidades, serão utilizadas as seguintes autorias: Claudete Beise Ulrich, Odja Barros, Wanda Deifelt, Rubem Alves, Ivone Gebara, Tina Chanter, Magali Mendes Menezes, Suliane Sá,

Joana Maria Pedro, Raewyn Connell, Rebecca Pearse, Louise Tilly, Marília Gomes de Carvalho, Mary del Priore, Luise Schottroff, Silvia Schroer, Marie-Theres Wacker, Elizabeth Schüssler Fiorenza, Joan Scott, Maria Izilda Matos, Renate Gierus e o Portal Luteranos.

O segundo capítulo tem como título: *Historiografia Feminista um estômago para digerir e reconstruir a História das Mulheres*. O estômago que pode ter a capacidade de somente digerir um único tipo de alimento ou pode ter a capacidade de digerir uma diversidade de alimentos e de experiências. A *Historiografia Feminista* é percebida como um estômago que consegue digerir a variedade das experiências das mulheres, percebe elas como uma excelente possibilidade para reconstruir a História, contemplando a experiência e a contribuição das mulheres. Este capítulo tem como objetivo apresentar a *Historiografia Feminista* e alguns dos seus conceitos, sendo eles *Experiência*, *Cotidiano*, *Memória das Mulheres* e *Histórias de Vida*. Além de apresentar, este capítulo tem como incumbência apontar de que maneira a *Historiografia Feminista*, com seus conceitos, serve como um “estômago” para digerir e reconstruir a história das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Para chegar ao seu objetivo, serão utilizadas as seguintes autorias: Rubem Alves, Luise Schottroff, Silvia Schroer, Marie-Theres Wacker, Renate Gierus, Edla Eggert, Márcia Liane Leindcker da Paixão, Louise Tilly, Joan Scott, Margareth Rago, Ivone Gebara, Joana Pedro, Raquel Soihet, Elizabeth Schüssler Fiorenza, Márcia Alves da Silva, Marcela Lagarde, Agnes Heller, Lilian do Vale, Maria da Conceição Passegi, Mary del Priore, Maria Isabel da Cunha e Marie-Christine Josso.

O terceiro capítulo tem como título: *Em Comunhão com as Vidas e com as Histórias das Mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João para reconstruir a História*. Este capítulo tem como objetivo reconstruir a história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, resgatando a participação e o protagonismo das mulheres. Para isso, utilizará como base a metodologia e os resultados obtidos, a partir da campanha da IECLB: “Em comunhão com as vidas das mulheres”. Para alcançar seu alvo o capítulo apresentará a motivação, o objetivo da campanha, sua metodologia e os resultados obtidos, a partir dela. Todas as fontes utilizadas no terceiro capítulo são públicas estão disponíveis no portal Luteranos.

1 MULHERES: PRESENTES OU AUSENTES NA HISTÓRIA DA PARÓQUIA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA APÓSTOLO JOÃO.

1.1 Introdução

O presente capítulo tem como objetivo investigar a presença ou a ausência das mulheres na história escrita da fundação das comunidades, que formam a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, em Jaraguá do Sul, SC. Para essa investigação serão analisadas as atas da fundação das quatro comunidades, que compõem a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. A análise das atas se dará a partir de ações metodológicas, propostas pela Hermenêutica Feminista, sendo elas: Suspeita, Gênero, Desconstrução e Reconstrução.

1.2 Breve panorama histórico da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João

Antes de investigar a presença ou a ausência das mulheres na história escrita da fundação das comunidades, que formam a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, em Jaraguá do Sul- SC, faz-se necessário contar um pouco da história da origem das mesmas. Contar um pouco da história da origem das comunidades da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, convida-nos a olhar para as correntes migratórias em Jaraguá do Sul, que foram diversas. A corrente migratória que nos interessa destacar é aquela que levou migrantes, oriundos de Joinville, para a localidade de Brüderthal. Esses migrantes, com suas famílias, fixaram morada no lado leste de Jaraguá do Sul e se vincularam à Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Pedro, fundada no ano de 1907. “Somente sessenta anos mais tarde, surgiram os primeiros pontos de encontro nos bairros Centenário e Ilha da Figueira. Foi a semente lançada para a formação das comunidades”.²

² ULRICH, Claudete Beise; KLUG, João. *Presença e Atuação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Jaraguá do Sul*. Porto Alegre: Metrópole, 2008. p. 331.

A primeira comunidade formada foi a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana dos Apóstolos. Ela que se localiza no bairro Centenário, na área industrial de Jaraguá do Sul. A motivação para a origem dessa comunidade é dada por uma evangelização, ocorrida em meados do ano de 1967, na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo Pedro, tendo como tema o tripé da mordomia cristã: “Tempo, Talento e Tesouro. Essa evangelização motivou a Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE) a criar novos grupos nos bairros. Assim começou na Rua Joinville, onde sete senhoras, imbuídas de muita fé aceitaram a ideia de se reunir”³. No ano de 1968, essas senhoras impulsionaram o acontecimento de reuniões mensais nas casas de famílias luteranas, do Bairro Centenário. Essas reuniões nas casas deram origem ao grupo de OASE Antúrio. O movimento e o engajamento das mulheres da OASE Antúrio envolveram as famílias da localidade, fazendo nascer o desejo de formar uma comunidade e um local para cultos. Em 20 de agosto de 1978, foi lançada a pedra fundamental do templo da comunidade. O primeiro presbitério da comunidade foi formado no ano de 1979.⁴

A segunda comunidade formada foi a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Ilha da Figueira, situada no Bairro Ilha da Figueira, na cidade de Jaraguá do Sul. A comunidade Ilha da Figueira teve suas origens, a partir de um grupo de OASE, no qual o primeiro encontro ocorreu no ano de 1968, com nove participantes.⁵

Na fase inicial dos trabalhos dos trabalhos, a OASE reunia-se no salão da Sociedade Vitória, localizado no mesmo bairro. Após algum tempo, o grupo teve de sair do local e, a convite da família de Bertholdo Bruns, passou a se reunir nas dependências improvisadas de um rancho. No mesmo local, foram celebrados os primeiros cultos pelo pastor Egberto Schwanz, bem como Escola Dominical das crianças. Mais tarde, a OASE buscou um novo local de encontro na casa de Elmo Wachholz. Os cultos passaram a ser realizados na Escola Municipal Lílian Oeschler Airoso, e a Escola Dominical, no Colégio Estadual Holando Marcellino Gonçalves. A partir de 1981, contudo, o trabalho com crianças passou a funcionar na mesma Escola Municipal. Como se percebe, foi um início difícil. Essa situação despertou, nas famílias, a necessidade de um local próprio, definitivo, para que o trabalho pudesse evoluir.⁶

O desejo de um local de culto e de reuniões, para a comunidade Evangélica de Confissão Luterana Ilha da Figueira, tornou-se realidade na data de 16 de

³ ULRICH, 2008, p. 338.

⁴ ULRICH, 2008, p. 339-341.

⁵ ULRICH, 2008, p. 331-332.

⁶ ULRICH, 2008, p. 332.

setembro de 1984, ano da inauguração do salão comunitário. O primeiro presbitério foi eleito no ano de 1985.⁷

As outras duas Comunidades, que formam a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, surgiram do desmembramento da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Ilha da Figueira. A primeira a se desmembrar foi a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Martim Lutero, também situada no Bairro Ilha da Figueira. Essa comunidade foi fundada no ano de 1993, tendo o seu primeiro presbitério formado no ano de 1995.⁸

A segunda a se desmembrar foi a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Vila Nova, localizada no Bairro Vila Nova, na cidade de Jaraguá do Sul-SC. Porém a história da Comunidade Vila Nova tem sua origem no ano de 1978. Isso porque, a mesma é oriunda de duas vertentes: a de 1978 e a de 1987. A primeira vertente se localizava no Bairro do Rio Molha, na residência de Ilário Fodi, na qual ocorriam cultos mensais. Os cultos eram, inicialmente, frequentados pelas famílias Fodi e Daren. Com o passar do tempo, novas famílias vieram do Rio Grande do Sul e do Paraná, chegando a quantidade de 20 famílias.⁹ A segunda vertente se localizava no Bairro Vila Nova. Ela era formada por famílias, pertencentes a Comunidade Ilha da Figueira, “mas já em 1984 reuniam-se nas dependências no recém-construído salão da Missão Evangélica União Cristã (MEUC), inicialmente para cultos e estudos bíblicos regulares”.¹⁰ Além das reuniões no espaço físico cedido pela MEUC, ocorriam também cultos nas casas das famílias de Melita Wernek e de Waldemar Wischral. A fundação da comunidade, propriamente dita, ocorreu no ano de 1999, também nesse ano foi eleito o primeiro presbitério da mesma. O templo da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Vila Nova foi inaugurado no ano de 2006.¹¹

Ao contar um pouco da origem das quatro comunidades, que formam a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, em Jaraguá do Sul- SC, percebemos a presença e o protagonismo das mulheres. O questionamento que fica é: em que medida a presença delas está registrada nas atas de fundação destas comunidades? Para ajudar a analisar essas atas, visando elucidar esse

⁷ ULRICH, 2008, p. 333.

⁸ ULRICH, 2008, p. 335, 343,

⁹ ULRICH, 2008, p. 344.

¹⁰ ULRICH, 2008, p. 345.

¹¹ ULRICH, 2008. p. 345-346.

questionamento, utilizaremos ações metodológicas propostas pela Hermenêutica Feminista. A Hermenêutica Feminista e as suas ações metodológicas, como aporte para análise das atas, serão apresentadas no próximo tópico deste capítulo.

1.3 Elementos da Hermenêutica Feminista: varrendo a história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João na busca das mulheres

Qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la?¹²

A mulher da parábola da moeda perdida tinha um objetivo, encontrar a sua moeda. Para alcançar esse objetivo, ela elaborou uma metodologia coerente com a sua realidade e com a sua necessidade. Da mesma maneira, a terceira parte deste capítulo tem como objetivo elaborar uma metodologia de análise das atas da fundação das comunidades, que formam a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Essa análise busca averiguar em que medida as mulheres estão presentes ou não nestas atas.

A metodologia utilizada para interpretar e analisar textos antigos e sagrados é denominada Hermenêutica.¹³ Porém, quando essa análise tem como objetivo investigar a presença ou a ausência das mulheres, a Hermenêutica Tradicional não é suficiente. Isso porque, ela está condicionada a um olhar e a uma linguagem sexista e patriarcal, ou seja, tem o masculino como superior e como norma.¹⁴ Se o masculino é superior e visto como norma, automaticamente, o feminino, a experiência e a contribuição das mulheres não são relevantes. Diante disso, faz-se necessário optar por uma Hermenêutica que contemple e abrace a experiência e a contribuição das mulheres. A Hermenêutica que melhor contempla esse objetivo é a Feminista.

No campo teológico, a Hermenêutica Feminista manifesta-se no trabalho desenvolvido pela Teologia Feminista. Conforme Wanda Deifelt:

¹² A BÍBLIA, *Bíblia de Estudo Almeida*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. Lucas 15.8.

¹³ Dicionário Online de Português. Disponível em: <www.dicio.com.br/hermeneutica>. Acesso em: 13 set. 2017. (sem página).

¹⁴ BARROS, Odja. *Uma Hermenêutica Bíblica Popular e Feminista na Perspectiva da Mulher Nordestina: Um relato de experiência*. Dissertação de Mestrado em Teologia. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, 2010. p. 34.

A teologia feminista surgiu como reação às correntes teológicas existentes no século XX (teologia do processo, teologia da esperança, teologia negra e Teologia da Libertação), apontando que estas dão uma contribuição importante — visibilizam os pobres, oprimidos, negros e marginalizados — mas nem sempre tomam em consideração as mulheres. Assim, a teologia feminista surge como um passo metodológico importante, afirmando que a experiência das mulheres — incluindo também suas experiências de fé — é o ponto de partida da reflexão teológica. A partir desse olhar novas conexões são possíveis se a experiência humana é analisada a partir das marcas deixadas em nossos corpos e mentes pelo sexismo, pelo classismo, pelo racismo, pelo militarismo ou pelo sectarismo religioso. A superação desses condicionamentos é que permite forjar uma nova realidade.¹⁵

Pelo seu comprometimento em rastrear e dar voz a experiência e a contribuição das mulheres, dentro da teologia, da história e também em outras esferas do saber, a Hermenêutica Feminista é a metodologia que melhor contempla o objetivo de investigar a presença das mulheres nas atas de fundação das quatro comunidades, que formam a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. A Hermenêutica Feminista, como toda Hermenêutica, é composta por ações metodológicas, que ajudam a chegar no seu objetivo. Para a análise das atas de fundação das quatro comunidades, que formam a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, foram escolhidas três ações metodológicas.

Essas três ações metodológicas são semelhantes as ações da mulher, que procura a sua moeda perdida. Para encontrar o que procuramos, que é a presença das mulheres nos documentos escritos, precisamos olhar para a luz que temos e avaliar a sua eficácia, ação denominada pela Hermenêutica Feminista como Suspeita. Ao avaliar a luz que temos, vamos perceber que ela não é o suficiente, que precisamos acender novas luzes. Essas novas luzes auxiliam a analisar os espaços que causaram a perda, ação que realizamos, através da categoria de análise Gênero. Como últimas ações, é preciso varrer o espaço para tirar a sujeira e deixar o local diferente do que estava, essas ações metodológicas são denominadas como Desconstrução e Reconstrução. A Suspeita, o Gênero, a Desconstrução e a Reconstrução serão as ações metodológicas, propostas pela Hermenêutica Feminista, que auxiliarão na varredura da história escrita da fundação das quatro comunidades da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João na busca das mulheres. A seguir, apresentaremos um breve apanhado de cada uma

¹⁵ DEIFELT, 2003, p. 174-175.

dessas ações metodológicas e as perguntas suscitadas, a partir delas, que têm como objetivo orientar a busca pela presença das mulheres.

1.3.1 *Suspeita*

A mente é um estômago. Há muitos tipos de mente-estômago. Alguns se parecem com os estômagos humanos e processam os mais variados tipos de informações. Leonardo da Vinci é um exemplo extraordinário desse estômago omnívoro, capaz de digerir poesias, música, arquitetura, urbanismo, pintura, engenharia, ciência, criptografia, filosofia. Outros estômagos se especializaram e só são capazes de digerir um tipo de alimento.¹⁶

Ao utilizarmos a *Suspeita* como ação metodológica para a análise da história, temos como tarefa olhar de que maneira o conhecimento histórico é produzido. Esse olhar vai conduzir a pergunta: Que tipo de “estômago” é utilizado para a produção do conhecimento histórico? Seria um estômago que consegue processar vários tipos de alimentos, ou melhor, de realidades? Ou seria um estômago que somente consegue processar um tipo de alimento, ou melhor, de realidade?

Antes de responder a essas perguntas, faz-se necessário destacar que a maneira como o conhecimento é produzido, chama-se epistemologia. A epistemologia é distinguida entre científica e ordinária. A epistemologia científica é aquela produzida por pessoas, denominadas cientistas, que se dedicam ao estudo de uma determinada área do saber. As pessoas cientistas, para chegar ao conhecimento, realizam suas pesquisas, através da elaboração de métodos considerados científicos. Já epistemologia ordinária é aquela que todas as pessoas produzem, através da sua vida e das suas experiências em seu cotidiano.¹⁷

À primeira vista, a distinção da epistemologia como científica ou como ordinária não é considerada problemática. O problema surge, conforme alerta Ivone Gebara, quando:

reduzimos a epistemologia a um conjunto de ideias que chamamos de conhecimento científico, de apreensão das ideias na sua essência, na sua transversalidade ou na sua dialética ou na sua contradição ou na sua

¹⁶ ALVES, Rubem. *Entre a Ciência e a Sapiência: O dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 89.

¹⁷ GEBARA, IVONE. As Epistemologias Teológicas e suas Consequências. (In) NEUENFELDT, Elaine; BERGESH, Karin; PARLOW, Mara. *Epistemologia, Violência e Sexualidade: Olhares do II Congresso Latino Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal. Faculdades EST, 2008. p. 31;33.

oposição ou na sua similaridade ou na sua espiritualidade imperativa... Palavras e mais palavras. Palavras distantes, de um mundo que parece outro, diferente do nosso, mas que acabamos por considerar superior à nossa vida simples e complexa vida cotidiana com seus cheiros e sabores, com suas dores e pequenas alegrias, com o desespero e a esperança que renasce sempre. Submetemo-nos ao mundo superior e pretensamente puro que não entendemos, e, justamente porque não entendemos, é que julgamos superior. Entregamos a ele a autoridade última sobre a nossa vida e nossas ações, sobre nossas tendências e desejos. Renunciamos a nós, à nossa história presente, às vibrações criativas do nosso corpo, às possibilidades atuais que construímos juntos.¹⁸

Ao hierarquizarmos os tipos de epistemologia e escolher a epistemologia científica como superior, estamos afirmando que o conhecimento só pode ser produzido pela razão, de maneira objetiva e neutra. A pessoa conhecedora ideal é aquela que busca imparcialidade e neutralidade. É aquela que busca, através do método científico, compreender o mundo, encontrar a verdade absoluta e o ser humano universal. A ideia de ser humano universal sugere que todos os sujeitos são iguais, tornando as diferenças em algo acidental e irrelevante.¹⁹ A busca de um ser humano universal, aquele que é parâmetro para todos os seres humanos, torna as diferenças, a pluralidade da vida humana numa ameaça que deve ser silenciada.²⁰ Além disso, aquilo que não cabe dentro da linguagem e dos métodos científicos é visto como algo que não é verdadeiro, portanto, sem valor.²¹

A questão toda é que as teorias, hipóteses e métodos da epistemologia científica não conseguem apreender e nem descrever a totalidade da realidade. As redes da ciência deixam passar muito mais do que seguram. Tem coisas, conhecimentos e experiências que não cabem dentro dos métodos científicos, mas que são absolutamente verdadeiras e de valor. A vida humana, sua pluralidade e diversidade são muito maiores que qualquer método científico. A epistemologia científica é uma das maneiras de produzir conhecimento, mas não a única.²² Mesmo que arrogue para si essa premissa, ela não é absoluta, imparcial e linear, pois também é construída historicamente, pautada num pensamento hegemônico e hierárquico. “A ciência é comparada as vacas, somente consegue digerir um tipo de

¹⁸ GEBARA, 2008. p. 44.

¹⁹ CHANTER, Tina. *Gênero: Conceitos-Chave em Filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 81-83.

²⁰ MENEZES, Magali Mendes; SÁ, Suliane. Escritas que Emudecem ou Fazem o Corpo Falar. (In) NEUENFELDT, Elaine; BERGESH, Karin; PARLOW, Mara. *Epistemologia, Violência e Sexualidade: Olhares do II Congresso Latino Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal. Faculdades EST, 2008. p. 52.

²¹ ALVES, 1999. p. 85.

²² ALVES, 1999. p. 85;103.

comida, quando diz que algo não é científico é porque não pode ser digerido pelo seu estômago”.²³

A Suspeita concede a percepção que o “estômago” da epistemologia científica consegue processar só um tipo de alimento, ou seja, somente um tipo de realidade. Por isso, a epistemologia científica não é suficiente para abarcar as muitas realidades e maneiras de produzir conhecimento histórico. Porém, o conhecimento histórico, que temos, é produzido pela epistemologia científica. Por isso, é importante para a busca das mulheres dentro da história escrita, das quatro comunidades, que formam a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, reconhecer a limitação da epistemologia científica, o porquê de sua limitação e a necessidade de um novo tipo de estômago. Um novo tipo de estômago capaz de digerir a pluralidade de realidades e de produção do conhecimento histórico. Tudo isso, permite a constatação que precisamos ascender uma nova luz. Essa nova luz é conhecida, pela Hermenêutica Feminista, como Gênero.

1.3.2 Gênero

Na busca pelas mulheres dentro da história escrita da fundação das quatro comunidades, que compõem a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, Gênero é uma nova luz que precisamos ascender. Essa nova luz serve como instrumento de análise, de crítica e de revisão na maneira como nossa cultura, relações e, por consequência, nossa maneira de produzir conhecimento estão construídas.

Para começar a clarear o nosso ambiente e exercer sua primeira função como categoria analítica, Gênero evidencia a distinção entre Sexo e Gênero. Isso porque, conforme Joana Maria Pedro:

Em português, como na maioria das línguas, todos os seres animados e inanimados têm gênero. Entretanto, somente alguns seres vivos têm sexo. Nem todas as espécies se reproduzem de forma sexuada; mesmo assim, as palavras que as designam, na nossa língua, lhes atribuem um gênero. E era justamente pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero mas não têm sexo, que os movimentos feministas e de mulheres, nos anos oitenta, passaram a usar esta palavra “gênero” no lugar de “sexo”. Buscavam, desta forma, reforçar a ideia de que as diferenças que se constatavam nos comportamentos de homens e mulheres não eram

²³ ALVES, 1999, p. 90.

dependentes do “sexo” como questão biológica, mas sim eram definidos pelo “gênero” e, portanto, ligadas à cultura.²⁴

Ao evidenciarmos essa diferenciação entre Sexo e Gênero, perceberemos que o Sexo está vinculado as nossas diferenças biológicas, ou seja, ao fato de nascermos do sexo feminino ou do sexo masculino, mesmo que também nosso biológico vai evoluindo e se desenvolvendo para responder a demandas sociais e culturais impostas pelo ambiente que vivemos. Já o Gênero está vinculado aos lugares sociais e papéis conferidos a cada sexo.²⁵ Reconhecer essa distinção e as consequências delas possibilita o combate ao determinismo biológico.²⁶ O determinismo biológico nos faz acreditar que Gênero é algo dado e imutável. “Reconhecemos uma pessoa como homem ou mulher, menino ou menina, instantaneamente. Organizamos nossos afazeres em torno dessa distinção”.²⁷ Essa distinção cria uma cultura baseada em dicotomias. As dicotomias colocam mulheres e homens em lados opostos. Através das relações dicotômicas, a sociedade é organizada de maneira que:

os homens devem desenvolver comportamentos, sentimentos e características de personalidade que os tornam racionais, objetivos, não se deixem guiar pelas emoções, sejam controlados diante das dificuldades, exerçam o poder (especialmente com relação às mulheres), a competitividade, estejam voltados para a esfera pública, para fora do ambiente doméstico .A partir destas demandas eles passam a ser socializados desde a infância e deles são cobradas atitudes condizentes com tais estereótipos em todas as instâncias da vida social seja na família, na escola, no mercado de trabalho, na vida política, em suas relações pessoais. Por outro lado, as mulheres deveriam desenvolver comportamentos, sentimentos e características praticamente opostas e contrárias às masculinas. Diante deste raciocínio elas apresentariam maior sensibilidade em suas vidas, agiriam de acordo com as emoções, passividade e submissão seriam a elas incentivadas, competitividade e agressividade, a elas reprimidas, as atividades destinadas às mulheres estariam na esfera privada, dentro do lar. No processo de socialização as meninas, desde o nascimento, são educadas e formadas para manifestarem tais estereótipos e, da mesma forma que dos homens, delas são cobrados comportamentos e atitudes que os reproduzem em suas vidas pessoais,

²⁴ PEDRO, Joana Maria. *Traduzindo o Debate: O uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. Revista Brasileira de História. Vol. 24, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>>. Acesso em: 20 maio 2017. p. 78.

²⁵ CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero uma perspectiva global: Compreendendo o Gênero-da esfera pessoal à política- no mundo contemporâneo*. São Paulo: Nversos, 2015. p. 98.

²⁶ TILLY, Louise A. *Gênero, História das Mulheres e História Social*. Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp. Vol. 3, 1994. p. 42.

²⁷ CONNELL; PEARSE, 2005, p. 36.

como na família, escola, trabalho, lazer e em todas as suas relações sociais.²⁸

O maior problema das relações dicotômicas é que elas colocam hierarquias entre homens e mulheres. As hierarquias vão definir que as características, os estereótipos e os espaços atrelados aos homens são mais importantes do que os atrelados as mulheres. O espaço público, o conhecimento baseado na razão, a objetividade, a prática da dominação, através da força e da competitividade, características ditas como masculinas, têm mais valor, na ótica de uma sociedade de mercado, do que o espaço privado, o conhecimento baseado na experiência e no cotidiano, a emotividade, a fragilidade, o comportamento passivo, o cuidado e a cooperação, características considerados femininas, que são sempre percebidas como características de menor importância e valor social.²⁹ Devido a sua inferioridade e a sua fragilidade, as mulheres devem ser governadas pelos homens, devem permanecer caladas, portar-se de maneira humilde, submissa, ficar bem protegidas no interior de seus lares, ocupadas com as atividades domésticas, com o cuidado das crianças e trabalhar de maneira voluntária.³⁰

Essa maneira de organizar a sociedade e as relações, através da superioridade e do poder masculino, é denominada de patriarcado. O termo patriarcado tem origem no modelo de organização social da Grécia Antiga. Nesse modelo, o pai tem domínio total sobre sua casa, composta pela mulher, pelas crianças e pessoas escravas. Esse domínio total do patriarca da família colocava as mulheres, as crianças e as pessoas escravas numa dependência política, jurídica e econômica do pai, do “chefe de família”.³¹ Resumindo, dentro do modelo patriarcal, o homem é o detentor do poder.

Se o homem é superior e detentor do poder, suas características e suas experiências devem servir como padrão para o ser humano ideal. A visão do masculino como norma é denominada de androcentrismo. Numa sociedade androcêntrica:

²⁸ CARVALHO, Marília Gomes de. A Dicotomia Masculino X Feminino na Construção de Gênero e suas Implicações Sociais. (In) COVALON, Nadia Terezinha; OLIVEIRA, Daniel Canavese. *Educação e Diversidade: A questão de gênero e suas múltiplas expressões*. Rio de Janeiro: Autografia, 2015. p. 17.

²⁹ CARVALHO, 2015. p. 20.

³⁰ DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013. p. 12,13 e 27

³¹ SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese Feminista: Resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: CEBI, Sinodal; São Paulo: Aste, 2008. p. 50.

“O homem é o ser humano paradigmático que é o centro das sociedades, culturas e religiões androcêntricas; a mulher é o outro. A ideologia do androcentrismo está tão difundida porque é inculcada na e através da estrutura gramatical de línguas ocidentais antigas e modernas, tal como o hebraico, grego, latim, inglês e português. Esse sistema de gênero linguístico é socialmente construído não se limita a dividir seres humanos em dois grupos separados e de tamanho igual que se excluem mutuamente. Também constrói uma classificação assimétrica entre eles, ao colocar o masculino no centro e fazer dele o padrão, a medida de tudo, enquanto faz do feminino a exceção.”³²

Como apresentado acima, na sociedade patriarcal e androcêntrica, o masculino é o detentor de poder e como a regra e o feminino é submisso e a exceção. Essa maneira de organizar a sociedade gera relações assimétricas entre mulheres e homens. Além das consequências gerais, já apontadas acima, o patriarcado e o androcentrismo também deixam as suas marcas na maneira em que produzimos e no que valorizamos como conhecimento histórico. Se valorizamos como melhor a razão, a objetividade, o científico, o espaço público, características atribuídas ao masculino, somente o conhecimento verdadeiro, de valor e universal é aquele produzido pelos homens.³³ Se o conhecimento é produzido pelos homens, se somente eles têm as vozes para contar e escrever a história, consequentemente, os homens serão os protagonistas da história. Se os homens são os protagonistas, as mulheres resta o papel de figuração, de complemento e de troféu dos feitos e das realizações dos homens³⁴. Elas só ganham o papel principal na falta de um homem para fazê-lo ou quando o seu feito é considerado muito problemático ou extraordinário demais para uma mulher.³⁵ Essa maneira de produzir conhecimento histórico silencia e marginaliza as mulheres.

Diante de tudo isso, como categoria analítica da história, Gênero vai trazer à tona essa marginalização e silenciamento das mulheres. Isso porque, Gênero foca o seu olhar na importância histórica dos diferentes sexos. Busca descobrir como os papéis sociais afetam a sociedade nos mais diversos períodos. Propõe entender qual era o objetivo dos papéis sociais, como funcionavam para regular a ordem

³² FIORENZA, Elizabeth Schüssler. *Caminhos da Sabedoria: Uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009. p. 132.

³³ GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'água, 1997. p. 33.

³⁴ FIORENZA, Elisabeth S. *As origens Cristãs: A partir da mulher: Uma Nova Hermenêutica*; São Paulo: Paulinas, 1998. p. 67.

³⁵ PEDRO, 2005. p. 08.

social e para modificá-la.³⁶ Além de olhar para a maneira e para o objetivo dos papéis sociais, o uso do Gênero:

apontou a necessidade de libertar de conceitos abstratos e universais, bem como, a necessidade de historizar os conceitos e categorias (entre elas a própria categoria gênero), construindo-os durante o processo de pesquisa. Além de aceitar a transitoriedade de conceitos e do próprio conhecimento, bem como incorporar a efemeridade das perspectivas, a instabilidade das categorias analíticas, constantemente desconstruídas e reconstruídas, e a historicidade inerente ao processo de conhecimento. Os estudos de gênero vão ao encontro de certas tendências da historiografia contemporânea que questionam a concepção da história como linear e progressista e a tempo vinculada a leis de mudanças e prognósticos do futuro. Procurando acabar com a segmentação do passado e presente, os estudos de gênero contribuíram para a ampliação do objeto do conhecimento histórico, levando a descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados, descontinuidades, descortinando o tempo imutável e repetitivo ligado aos hábitos, mas também o tempo criador, dinâmico das inovações, focalizando o relativo, a multiplicidade de durações que convivem entre si urdidas na trama histórica. Assim as, nuances, as tendências dos movimentos, passaram a ocupar a atenção dos historiadores em lugar da certeza de fatos cronológicos e periodizações específicas.³⁷

Gênero ao criticar o universalismo, as dicotomias, a concepção linear e, supostamente, neutra de produzir conhecimento histórico vai visualizar sua limitação e sua parcialidade. Sua limitação, pois, a produção do conhecimento histórico somente abarca a experiência e contribuição masculina. Sua parcialidade, pois, a produção do conhecimento histórico somente está a serviço dos detentores do poder dentro da sociedade, a saber homens brancos, heterossexuais e ocidentais. Além da crítica, Gênero vai propor novas maneiras e novas vozes a serem valorizadas na produção do conhecimento histórico.³⁸ O processo de crítica e de propor novos jeitos e sujeitos são conhecidos, pela Hermenêutica Feminista, como Desconstrução e Reconstrução.

1.3.3 *Desconstrução e Reconstrução*

Até aqui, foram apresentados aspectos importantes das ações metodológicas Suspeita e Gênero. As duas ações metodológicas auxiliaram a olhar

³⁶ SCOTT, Joan, *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. In: Educação e Realidade, Gênero e educação. Porto Alegre: UFRGS. Vol. 16, n. 2, jul.- dez. 1990. p. 05.

³⁷ MATOS, Maria Izilda S. de. *Estudos de gênero: Percursos e possibilidades na historiografia contemporânea*. Cadernos Pagu, Campinas: Unicamp. No. 11, 1998. p. 71-72.

³⁸ GEBARA, Ivone. *Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 115,117.

para a luz que temos e para as novas luzes, que precisamos ascender, na busca da presença das mulheres. Ao ascender novas luzes, vamos notar que a realidade e a maneira de produzir conhecimento histórico estão carregadas de entulhos e de sujeiras, que precisam ser removidas. Por isso, precisa-se varrer a nossa realidade, deixando o local diferente do que estava. Essa ação de varrer a nossa realidade, buscando a transformação de paradigmas na maneira de produzir conhecimento histórico, chama-se Desconstrução e Reconstrução. Esse tópico abordará elementos importantes dessas duas ações metodológicas, que serão apresentadas de maneiras separadas, mas sempre vinculadas.

Inicialmente abordaremos sobre a Desconstrução, que tem como pressuposto a percepção de que algo precisa ser modificado. No caso da produção do conhecimento histórico, percebemos que enquanto estiver pautado pelo androcentrismo e patriarcado, que busca verdades únicas, linearidade, que somente valoriza feitos realizados dentro do espaço público e registrados pela escrita, não fará justiça ao protagonismo e as vozes das mulheres dentro da história. Ao não considerar o protagonismo das mulheres, esse modelo de produção de conhecimento as torna num apêndice da história humana, marginalizando e silenciando a experiência e os feitos delas.³⁹ Se marginaliza e silencia as experiências das mulheres precisa ser revisto, portanto, desconstruído.

A Desconstrução “capacita a implosão de verdades únicas, de verdades como a dos papéis sociais de homens e mulheres. Questiona, assim, visões centradas em blocos historiográficos homogêneos”.⁴⁰ Ao implodir verdades e questionar blocos históricos homogêneos, a Desconstrução tem como objetivo ser uma voz profética, “que avalia criticamente os argumentos utilizados para diminuir a dignidade humana, e que retira deles a sua legitimidade na medida em que questiona serem ou não verdades de fé”.⁴¹ Para o processo de Desconstrução, faz-se necessário dominar os métodos de produção de conhecimento, com suas normas e regras. Conforme Fiorenza:

³⁹ FIORENZA, 1998, p. 97.

⁴⁰ GIERUS, Renate; RIETH, Ricardo Willy. *Além das grandes águas: Mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850: Uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação EST, 2006. p. 27.

⁴¹ DEIFELT, 2003, p. 174.

Métodos e modos de pesquisa podem também abrir novas questões e problematizar respostas, normas e regras padronizadas. Usados como ferramentas para desconstruir a casa do dono, métodos de pesquisa podem servir para reconstruir uma casa nova e diferente, a casa aberta da Sabedoria, à medida que descartamos as estruturas e as teorias intelectuais do dono e que as usamos como plantas e matrizes.⁴²

O domínio dos métodos tradicionais de pesquisa histórica tem como objetivo a Desconstrução, mas também o impulso para a Reconstrução de novos métodos de pesquisa. Esses novos métodos podem utilizar elementos dos métodos tradicionais ou criar e recriar novos elementos. Esse processo de criar, e recriar métodos de produção de conhecimento é denominado Reconstrução. “A reconstrução aponta para novas formulações teológicas a partir da reinterpretação de textos bíblicos, da tradição da Igreja e da vivência de fé das pessoas hoje”.⁴³ Para o processo de Reconstrução da maneira ou das maneiras de produzir conhecimento histórico dois elementos são importantes, sendo eles: a imaginação e a relembração.

A imaginação é importante, pois ela permite sonhar com uma realidade diferente da que vivemos. Ela nos permite sonhar com uma realidade justa, sem hierarquias, dicotomias, que promova bem-estar a todas as pessoas. A imaginação é um espaço de liberdade, no qual podemos explorar novas possibilidades, romper fronteiras, onde o tempo, o espaço, ideias e construções podem ser relativizados e modificados.

A imaginação é um espaço de memória e possibilidade em que as situações podem ser reexperimentadas e desejos, reencarnados. Graças a nossas capacidades imaginativas podemos nos colocar no lugar de outras pessoas, conectar-nos com seus sentimentos e participar de suas decisões e lutas. A imaginação histórica nos permite ver as lutas de mulh*res no passado e estabelecer conexões com nossas próprias lutas.⁴⁴

Além da imaginação, também a relembração é importante para o processo de Reconstrução. Ela é importante, pois busca lembrar o passado esquecido das mulheres, tanto das suas lutas por sobrevivência como suas vitimizações. Essa relembração tem como objetivo apoiar as lutas atuais das mulheres. A relembração também traz à tona, que a história e os documentos históricos não são uma janela para o passado, ou seja, um relato fidedigno daquilo que ocorreu antes de nós. Ao contrário, ela mostra que a história “está carregada de narração e chega a ser um

⁴² FIORENZA, 2009, p. 19.

⁴³ DEIFELT, 2003, p. 174.

⁴⁴ FIORENZA, 2009, p. 202.

refazer e renarrar da realidade; mas não é a própria realidade nem um relato daquilo que realmente aconteceu”⁴⁵.

Por fim, a relembração compara o processo de Reconstrução da história das mulheres ao ato de costurar uma colcha de retalhos. Isso porque, a história escrita, que chegou até nós, está marcada pelos modelos androcêntricos e patriarcais, que esconderam e fragmentaram a presença das mulheres. Por isso, para reconstruir essa presença são necessários, através da imaginação e da relembração, dismantelar a Historiografia Positivista, proposta pelo patriarcado. Esse dismantelamento resultará em entulhos. Em meio a esses entulhos, procurar, encontrar e costurar os retalhos perdidos, contendo a memória das mulheres.

Em resumo, rememorar é outorgar existência histórica e reivindicar subjetividade histórica. Tal relembração histórica recupera tradições bíblicas como tradições de mulh*res sobre lutas, sobrevivências e visões, reivindica a herança histórica das mulh*res. O processo de rescrever história, quando concebido como confeccionar a história feminista como uma colcha de retalhos, torna-se uma prática transformadora.⁴⁶

1.3.4 Perguntas norteadoras para a Análise das Atas de Fundação das Comunidades da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João

Disse que sou um feiticeiro. Pediu um contrafeiticeiro. De fato, sou um feiticeiro. Conto estórias para quebrar feitiços. (...) Estórias têm um poder mágico. Elas produzem metamorfoses inesperadas nas pessoas.⁴⁷

O breve apanhado de cada uma das ações metodológicas: Suspeita, Gênero, Desconstrução e Reconstrução, mostram que a realidade, a cultura e, conseqüentemente, a produção de conhecimento histórico estão sob o feitiço de construções sociais dicotômicas e hierárquicas, fruto do patriarcado e do androcentrismo. Esse feitiço produz a falsa ideia de que mulheres são inferiores, que sua voz, suas experiências, contribuições, papéis sociais e lugares, a elas impostos, têm menos valor ou nenhum valor para a produção de conhecimento histórico. Enfeitiçadas e enfeitiçados por essa ideia, mulheres e homens permitem que as perguntas feitas e as respostas, geradas por elas, marginalizem e silenciem a presença, a voz, a experiência e a contribuição das mulheres, dentro da história. Com o objetivo de quebrar esse feitiço, as ações metodológicas, abordadas até aqui,

⁴⁵ FIORENZA, 2009, p. 206.

⁴⁶ FIORENZA, 2009, p. 208.

⁴⁷ ALVES, Rubem. *Retratos de Amor*. Campinas; São Paulo: Papirus, 2007. p. 105.

têm como intuito suscitar perguntas, que auxiliem na análise das atas de fundação das quatro comunidades, que compõem a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, na busca da presença das mulheres. A seguir, serão apresentadas as perguntas suscitadas.

As primeiras perguntas gravitam em torno da linguagem utilizada para escrita das atas. Essa linguagem é inclusiva? Utiliza o masculino como norma e como agregador do feminino? A linguagem utilizada esconde ou revela a presença das mulheres na história?

As segundas perguntas giram em torno das pessoas que tinham o poder de escrever a história. Quem eram as pessoas que compunham os primeiros presbitérios das comunidades? Quando as mulheres ocupavam alguma função no presbitério, qual função ocupavam? Quando as mulheres têm o poder de escrever a história, elas valorizam ou não a participação delas e de outras mulheres?

As últimas perguntas tocam no ponto central dessa pesquisa, que é a participação das mulheres dentro da história escrita. Que participação é vista como importante? Aquelas que ocorrem nos espaços de decisão, espaços públicos? Aquelas que ocorrem no dia a dia comunitário como, por exemplo, nos espaços domésticos? Quando a participação das mulheres é registrada? Como essa participação é registrada? Elas são nomeadas? Quais nomes de mulheres aparecem nas atas? As mulheres aparecem como autônomas ou sempre vinculadas aos homens?

Através dessas perguntas, se dará a análise das atas de fundação das quatro comunidades, pertencentes a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Na próxima parte desse capítulo, apresentaremos os resultados obtidos, a partir da análise das mesmas.

1.4 Resultado da análise das Atas de Fundação das Comunidades da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João

A partir das perguntas, acima elencadas, foram analisadas as atas de fundação de cada uma das quatro comunidades, que formam a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. As primeiras atas têm como data as primeiras assembleias comunitárias, com o objetivo de eleger os primeiros presbitérios das comunidades. O presbitério é o grupo escolhido para conduzir os caminhos das

comunidades por um período de dois anos.⁴⁸ Como pessoas que conduzem o caminhar da comunidade, o presbitério tem o poder e a incumbência de fazer o registro escrito da história da comunidade, ou seja, de redigir as atas das mesmas.

As atas revelam que os primeiros presbitérios eram formados, majoritariamente, por homens. Nas comunidades dos Apóstolos e Ilha da Figueira, as comunidades mais antigas da paróquia, os presbitérios eram compostos somente por homens. As mulheres somente tinham o cargo de conselho fiscal suplente. O conselho fiscal é um órgão fiscalizador das contas do presbitério, não tem direito a voto⁴⁹. No caso da suplência, geralmente, são os cargos sobrantes, nos quais quase ninguém quer ocupar. Já nas duas comunidades mais recentes, Martim Lutero e Vila Nova, as mulheres ocupam o cargo como secretárias. Fato moldado pelo imaginário, estereotipado de Gênero, que as mulheres têm a letra mais bonita, escrevem melhor e pelo sutil silenciamento de que quem está escrevendo não consegue falar muito, conseqüentemente, não opinando muito. Ambos os cargos, de secretária e conselho fiscal, são vistos como menos importantes e com menor poder de decisão. No caso do cargo de secretária, ele é percebido com o objetivo de apenas relatar o que acontece. Como uma janela da realidade, um narrar objetivo, sem levar em conta quem narra. A linguagem utilizada para a escrita das atas é a linguagem no masculino. Essa linguagem utiliza o masculino como universal, como aquele que acolhe e inclui todos os seres humanos. Essa linguagem, que busca ser genérica, acaba não dando a dimensão da presença das mulheres, gerando a invisibilização delas. Mesmo que as mulheres escrevam a história, elas acabam reproduzindo a maneira masculina de fazer história, silenciando a si mesmas e as outras mulheres.

Além da linguagem masculina, que silencia as mulheres, as atas demonstram que participação é importante e digna de entrar para a história. Isso porque, as atas têm como conteúdo principal as eleições dos presbitérios, busca de recursos, tanto financeiros quanto humanos, para a manutenção das atividades comunitárias, o processo de construção e ampliação do espaço de culto e salão comunitário. Assim a única participação e contribuição, registrada nas atas, são das pessoas presentes no ato de formação dos presbitérios das comunidades, mais especificamente, os nomes daquelas pessoas que foram eleitas para exercer cargos

⁴⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Regimento Interno da IECLB*. 2015. Disponível em: <www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/regimento-interno-da-ieclb-1>. Acesso em: 01 de outubro de 2017. (sem página).

⁴⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2015. (sem página).

no presbitério. No geral, os nomes que mais aparecem nas atas são das pessoas candidatas e ocupantes do cargo da presidência das comunidades. Os cargos de presidência, dos primeiros presbitérios das quatro comunidades, são todos ocupados por homens. Os nomes das mulheres somente aparecem ao final das atas, no momento da assinatura e quando essas fazem parte do presbitério das comunidades.

Nas duas comunidades mais recentes, Vila Nova e Martim Lutero, temos uma mulher como tesoureira e, no momento de fundação, as presidentes da Paróquia e da União Paroquial eram mulheres. Nesses casos, as mulheres saem fora dos estereótipos de Gênero, elas são nomeadas, recebem maior autonomia. Isso ocorre por estarem ocupando espaços de decisão e de poder.

Em outros casos, os nomes de mulheres, mas também de homens, que deram a sua contribuição fora dos espaços de decisão, de poder, do espaço público, ficam esquecidos e invisibilizados. Quase sempre, os homens ocupam os espaços públicos, por isso o papel central é sempre deles. As mulheres sempre são vistas como ajudadoras, como coadjuvantes da história. Quando elas não fazem parte do presbitério, mesmo doando alguma quantia em dinheiro ou algum bem material, seus nomes estão sempre vinculados aos dos seus maridos, somente são nomeadas quando eles não estão mais vivos, por exemplo, aparecem como viúva do fulano de tal ou aparece o nome da mulher e o termo viúva na frente do nome dela.

1.5 Conclusão

Movido pela busca da presença e da participação das mulheres na história escrita da fundação das quatro comunidades, que compõem a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, o presente capítulo se aproximou e analisou a história escrita da mesma. Para essa aproximação e análise, utilizou elementos da Hermenêutica Feminista. Esses elementos convidaram ao processo de questionar e de desconstruir a maneira como a história está registrada. Todo esse processo trouxe a percepção de que o “estômago” que temos não é o suficiente para digerir todas as experiências e conhecimentos. Isso porque ele propõe uma forma de escrever a história, moldada por dicotomias e hierarquias, bases do patriarcado e

androcentrismo. As dicotomias e hierarquias silenciam e marginalizam as vozes, experiências e a contribuição das mulheres.

Para modificar essa realidade, é imprescindível reconstruir a maneira na qual fazemos e escrevemos a história. O processo de reconstrução da história propõe novas maneiras, novos paradigmas, ou melhor, novos “estômagos” para a produção de conhecimento e para a escrita da história. Entendemos a Historiografia Feminista como um novo estômago para digerir e reconstruir a história das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. A Historiografia Feminista e os elementos importantes para a reconstrução da história das mulheres serão apresentados no próximo capítulo.

2 HISTORIOGRAFIA FEMINISTA: UM ESTÔMAGO PARA DIGERIR E RECONSTRUIR A HISTÓRIA DAS MULHERES

2.1 Introdução

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a Historiografia Feminista e alguns dos seus conceitos, sendo eles Experiência, Cotidiano, Memória das Mulheres e Histórias de Vida. Além de apresentar, este capítulo tem como incumbência apontar de que maneira a Historiografia Feminista, com seus conceitos, serve como um “estômago” para digerir e reconstruir a história das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João.

2.2 Historiografia Feminista

“A ciência é comparada as vacas, somente consegue digerir um tipo de comida, quando diz que algo não é científico é porque não pode ser digerido pelo seu estômago”⁵⁰

O “estômago” do conhecimento histórico, formado pela epistemologia científica, não consegue digerir a pluralidade e a multiplicidade de experiências e conhecimentos existentes. Em vez de reconhecer sua limitação, esse estômago acaba rejeitando e desmerecendo as mesmas.

Dentre essas experiências e conhecimentos rejeitados e desmerecidos estão os das mulheres. Diante disso, fica o questionamento, o porquê elas são excluídas da história produzida até então? Para responder a essa pergunta, devemos levar em conta que a história foi escrita por homens, ou seja, sob uma ótica masculina.⁵¹ Essa ótica masculina está baseada nos conceitos de linearidade, universalidade e objetividade. Porém, “a mulher não vive uma linearidade. Ela mesma é múltipla, carregada de diversidade”.⁵² Devido a isso, as histórias das mulheres ficaram invisíveis, conseqüentemente, tornaram-se inexistentes. As mulheres foram silenciadas. Elas não puderam registrar suas experiências. Algumas

⁵⁰ ALVES, 1999. p. 90.

⁵¹ SCHOTTROFF; SCHROER, 2008. p. 163.

⁵² GIERUS, Renate. *História das Mulheres Cristãs: Uma historiografia feminista do cristianismo na América Latina e Caribe*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, Programa de Pós-Graduação EST, 2000. p. 35.

partes da história não foram contadas, com isso, o conhecimento histórico se tornou parcial e limitado.⁵³

Para modificar essa realidade, é imprescindível propor novos “estômagos” e propor novas maneiras para o funcionamento dos estômagos, que sejam capazes de digerir e reconstruir a história das mulheres. Entendemos a Historiografia Feminista como um desses novos estômagos, que além de novos estômagos, propõe uma nova maneira de funcionamento para os mesmos. Ela que propõe não apenas integrar a história das mulheres a história geral ou de fazer uma história somente das mulheres, mas que visa perceber as mulheres como sujeitos e protagonistas da história.⁵⁴ A partir da Historiografia Feminista, a experiência das mulheres é fato histórico relevante e a ser resgatado. Isso porque, conforme Renate Gierus:

A proposta do feminismo é empoderar as mulheres. O feminismo aqui é compreendido como uma postura teórico-prática, que transforma o sacrifício, a passividade, a doação e o sofrimento das mulheres em decisão e escolha própria para suas vidas. Um feminismo que vê na solidariedade, na acolhida, na afetividade, na receptividade não somente valores femininos, mas valores a serem vividos e partilhados por homens e mulheres, entre homens e mulheres. Um feminismo que busca a inclusão de homens e mulheres em novas relações humanas, sociais e interpessoais, em novas relações étnico-culturais e religiosas. Um feminismo que é dinâmico, que é movimento. Um feminismo que encoraje as mulheres a olhar para si mesmas, para suas necessidades, desejos, sonhos, incentivando o processo de percepção de si como sujeito e como agente de sua própria história. Um feminismo que procura incorporar as experiências os cotidianos das mulheres para dentro do fazer teológico, para dentro do serviço comunitário, para dentro das igrejas, para dentro das expressões de fé.⁵⁵

Além de motivar as mulheres a olhar para si mesmas, de empoderá-las, de incluir a experiência e a participação delas na história, a Historiografia Feminista propõe novos modelos, paradigmas e metodologias para o fazer histórico. Ela proporciona um novo jeito de analisar, de contar e de escrever a história.⁵⁶ Um novo jeito que utiliza a produção do conhecimento histórico para devolver as pessoas a maravilha e a simplicidade da vida, que lhes foi tirada pelo elitismo e arrogância científica. Uma nova forma que convida a pensar em novas maneiras de criação e

⁵³ EGGERT, Edla; PAIXÃO, Márcia Liane Leindcker da. A Cozinha de Katharina Von Bora: Teologia do cotidiano por meio de temperos, fervuras e cozimentos. (In) MUSSKOPF, André S; BLASI, Márcia. *Ainda Feminismo e Gênero: Histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI; FACULDADES EST, 2014. p. 217.

⁵⁴ TILLY, 1994, p. 29-30,34.

⁵⁵ GIERUS, 2006, p. 33

⁵⁶ SCOTT, 1990, p. 08.

de transmissão de conhecimento, modificando as estruturas hierárquicas, nas quais a mesma está presa em nossa sociedade.⁵⁷

Para modificar as estruturas hierárquicas, pensando em novas maneiras de produzir e transmitir o conhecimento histórico, a Historiografia Feminista, conforme Margareth Rago:

propõe uma nova relação entre teoria e prática. Delineia-se um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, mas inserido no coração dele, não isento e imparcial, mas subjetivo e afirmando sua particularidade. Ao contrário do desligamento do cientista em relação ao seu objeto de conhecimento, o que permitiria produzir um conhecimento neutro, livre de interferências subjetivas, clama-se pelo envolvimento do sujeito com seu objeto.⁵⁸

Essa nova relação entre teoria e prática convida a um envolvimento entre o sujeito e o seu objeto de pesquisa. Convida não mais a uma relação objetiva e distante, mas uma relação subjetiva e próxima. Essa nova relação resulta na dissolução dos discursos homogêneos, de verdades e premissas eternas. Não mais o universalismo, o correto, o eterno e o distante, mas o contexto, as relações, a proximidade, as ambiguidades, as incertezas, o cotidiano e as experiências. Não mais uma integralidade, que procura por uma única verdade ou totalidade, que procura por algo objetivamente correto, mas que denota uma união de momentos vividos e que percebe cada um deles como parte de uma história integral. A história integral agrega histórias em pedaços, disformes e irregulares, que compreendem a complexidade e a integralidade da vida. A integralidade da vida não como algo limitante, mas como categoria inclusiva. A inclusividade acolhe as vozes silenciadas e excluídas, vozes das mulheres, mas que também agrega histórias e vozes já ouvidas. A inclusividade respeita as diferenças, percebe que todas as pessoas contribuíram para que o fato histórico fosse como é. Ela que desafia a ver a história como plural, sem respostas prontas, como espaço de movimento e de criatividade.⁵⁹

Esse movimento e criatividade, inspirada pelos questionamentos surgidos no seio do feminismo, fazem com que a Historiografia Feminista tenha que criar, recriar e introduzir novos conceitos e categorias.⁶⁰ Estes que cooperam para o bom funcionamento desse novo estômago. Dentre esses novos conceitos e categorias

⁵⁷ GEBARA, 1997, p. 29

⁵⁸ RAGO, Margareth. *Epistemologia Feminista, Gênero e História*. (In) PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam. Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p. 11.

⁵⁹ GIERUS, 2000, p. 33-40.

⁶⁰ RAGO, 1998, p. 14.

destacam-se a Experiência, Cotidiano e a Memória das Mulheres. Estes três conceitos serão abordados a seguir.

2.2.1 Experiência

Recuperar a experiência humana, permitir que aflorem em nossa mente e corpo o significado de nossas crenças mais profundas é o fio condutor desta epistemologia. Recuperar a experiência humana é dar-lhe o valor que de fato tem, para além da multiplicidade de palavras e expressões que usamos para explicitá-la. Recuperar a experiência humana é situar-nos na tradição de nossos antepassados, cujos corpos vibraram como os nossos ao vivenciar a atração e repulsão vivida em relação a tantas coisas de nosso cotidiano.⁶¹

Para o bom funcionamento desse “estômago, denominado Historiografia Feminista, é necessário recuperar a Experiência humana como espaço originário da construção de conhecimento histórico. É necessário recuperar, pois as formas tradicionais de produzir conhecimento nos afastaram dela. Elas nos fizeram negar a Experiência, a enxergar como menos importante e a reduzi-la a meras palavras. Esse processo de recuperação da Experiência nos aproxima novamente da existência humana em sua multiplicidade e complexidade. A aproximação da multiplicidade e da complexidade da existência humana conduz a questionar e a transformar estruturas, que definem determinada Experiência como mais importante do que outra. Essa aproximação também possibilita acolher, celebrar, respeitar e valorizar todas as Experiências.⁶²

A valorização de todas as Experiências traz à tona a percepção que não apenas um determinado grupo, mas todas as pessoas são protagonistas da história e produtoras de conhecimento. Essa mudança de paradigma possibilita valorizar as Experiências das mulheres, como também as enxergar como sujeito histórico e de conhecimento. Para isso, percebe-se a necessidade de elaborar uma antropologia a partir das mulheres. Uma antropologia que supera a ideia da mulher como um ser a partir do outro, a partir do homem.⁶³ Essa antropologia percebe que o universo feminino é diferente, não só por questões biológicas, mas também por experiências históricas diferenciadas. Mulheres têm a leitura do mundo bem diferenciadas dos

⁶¹ GEBARA, 1997, p. 59.

⁶² EGGERT, Edla. PAIXÃO, Márcia. A Hermenêutica Feminista como Suporte para Pesquisar a Experiência das Mulheres. (In) EGGERT, Edla. *Processos Educativos no fazer artesanal de mulheres no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011. p. 19.

⁶³ EGGERT; PAIXÃO, 2011, p. 14.

homens.⁶⁴ Para perceber essa leitura diferenciada das mulheres é necessário perguntar pela Experiência delas. Se perguntar: quem são essas mulheres? Quais são seus sofrimentos, suas alegrias, seus medos, suas esperanças, seus desejos? Como os percebem? Como e de que forma os narram?⁶⁵

Essas perguntas resguardam do risco da homogeneização, da percepção de que as mulheres e suas Experiências são um bloco uniforme. Isso porque conforme apresenta Elisabeth Schüssler Fiorenza:

“Mulh*r ou mulh*res é uma categoria instável e fragmentada, e não podemos dizer que todas as mulh*eres são semelhantes em suas esperanças e desejos. Por isso é importante perguntar em quais mulh*res estamos pensando quando nos referimos a perspectiva das mulh*res. São mulh*res da direita ou feministas, negras ou brancas, nativas ou estrangeiras? Do mesmo modo como homens, também mulh*res são socializadas dentro dos conjuntos de mentalidades e atitudes e das visões do mundo da cultura dominante. Não somos seres humanos melhores ou capazes de visionar um futuro diferente, simplesmente porque somos mulh*res. Mudar padrões linguísticos é um passo muito importante rumo à criação de uma nova consciência. Desse modo, não a feminilidade, mas sim a diversidade constitui uma leitura a partir da ótica da mulh*r.⁶⁶

Assim como não existe um homem universal também as mulheres não são uma categoria monolítica. Apesar de serem definidas pelo sexo, as mulheres são muito mais do que uma categoria biológica. “Elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades”.⁶⁷ Por isso, quando falamos da Experiência das mulheres, da história delas fazemos a partir da diversidade e da diferença.⁶⁸

Apesar da diversidade, da diferença, da pluralidade de Experiências das mulheres, existe uma Experiência de unidade e de solidariedade entre elas como grupo social. Esta Experiência de unidade e de solidariedade que:

não está baseada em suas diferenças biológicas em relação aos homens, mas em sua experiência histórica comum, como um grupo oprimido lutando para se tornar sujeito histórico pleno. Semelhante arcabouço teórico permite às mulheres localizar sua força, sua influência histórica, sua dor e luta dentro de suas experiências históricas comuns como mulheres na sociedade e família patriarcais. Uma reconstrução da história das mulheres

⁶⁴ RAGO, 1998. p. 96.

⁶⁵ EGGERT; PAIXÃO, 2011. p. 15.

⁶⁶ FIORENZA, 2009. p. 74

⁶⁷ TILLY, 1994. p. 31.

⁶⁸ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. *A Emergência da Pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*. Revista Brasileira de História. Vol. 27, nº 54, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000200015>. Acesso em: 21 de Abril de 2017. p. 287.

não baseada no mero fato do sexo biológico como uma categoria heurística atemporal, mas na classificação sexual entendida em termos sociais, com referência a relações patriarcais de desigualdade dentro das esferas pública e privada, é também teoricamente capaz de explicar as variações de status social, diferença de classe e identidade cultural.⁶⁹

A Experiência de unidade e de solidariedade das mulheres está marcada pelas relações patriarcais, pautadas pela ideia de desigualdade. Estas relações patriarcais definem os lugares das mulheres no mundo. Lugares de menor importância e valor. As mulheres são vinculadas a natureza, ao sentimento e ao corpo. Suas atividades são sempre relacionadas ao corpo. Mulheres realizam trabalhos manuais, trabalhos domésticos e trabalhos relacionados ao cuidado. Todos esses trabalhos estão fortemente atrelados ao corpo. Embora o trabalho intelectual, também utilize o a mente, que faz parte do corpo, ele utiliza a parte mais nobre, a razão, reservado aos homens, seres racionais, objetivos e que têm o controle sobre si e sobre os outros corpos. Já as mulheres devem ter os seus corpos moldados, domesticados e subordinados. Por isso, seus corpos e suas Experiências são moldados pelo espaço a elas reservado, a saber: o espaço doméstico, privado e familiar.⁷⁰

É importante ressaltar que:

uma família pode ser um grupo doméstico. No entanto, um grupo doméstico, além da família, pode incluir outras relações, baseadas na servidão, no trabalho assalariado, na amizade, enfim, pode incluir pessoas não vinculadas à família nem por filiação, nem por conjugalidade. Dessa forma, um grupo doméstico se constitui um espaço com fins de reprodução privada de um determinado grupo social. Assim, um grupo doméstico pode ser uma família, um grupo de famílias ou até comunidades específicas, como asilos, prisões, abrigos, etc. Lagarde (2005) identificou algumas características que são compartilhadas pelos mais diversos grupos. Os domésticos possuem, basicamente, a incumbência de: a) Procriar e reproduzir os seres humanos de acordo com a ordem social e cultural de determinado contexto histórico; b) Humanizar os indivíduos em sua própria cultura, convertê-los em sujeitos; c) Converter os seres humanos em seres sociais, com personalidades e identidades próprias, no entanto, estruturadas em torno dos eixos de gênero, classe social e etnia; d) Reproduzir as estruturas e hierarquias de poder social e de Estado, a partir da identificação no processo de formação de identidades, utilizando rituais e normas particulares de relações; e) Reproduzir as instituições específicas que fazem de cada grupo doméstico um perfil diferente (família, asilo, etc.). f) Realizar a articulação do mundo da reprodução com a produção, enfim, do público com o privado; g) Garantir a construção privada do consenso, articulando suas formas de coerção, que, por vezes, pode envolver dor, temor, cativo, reclusão, exclusão, proibição, premiação, inclusive numa

⁶⁹ FIORENZA, 1998, p. 117.

⁷⁰ EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da. *Observações Sobre Pesquisa Autobiográfica na Perspectiva da Educação Popularenos Estudos de Gênero*. CONTEXTO & EDUCAÇÃO. Ijuí: Editora Unijuí. Ano 26. Nº 85, Jan./Jun. 2011. p. 56.

relação entre vida e morte, e ainda; h) Conformar um espaço que implica, além dos cuidados vitais, outros eixos privados de reprodução, que envolve a intimidade, o descanso, o sentimento, o erotismo, etc. (LAGARDE, 2005). É importante observar o que Lagarde afirma sobre as funções que as mulheres possuem em torno desses grupos domésticos: consomem praticamente toda sua energia vital em função dos cuidados com os outros. Este cuidado é o que significa as mulheres, ou seja, dá sentido à vida delas.⁷¹

O espaço familiar, privado, do cuidado, da subjetividade, da fragilidade, da docilidade, da servidão, do toque, do olhar, das coisas do cotidiano dão sentido à vida e moldam as Experiências das mulheres. Por isso, o conhecimento das mulheres e o protagonismo delas é feito a partir da vida, do Cotidiano.⁷² Porém, nas formas tradicionais de produzir conhecimento existe um menosprezo pelas coisas do Cotidiano, pelo cuidado, pelos sentimentos, pelo cozinhar, cuidar do jardim, limpar a casa, pelo artesanato, pelo espaço doméstico como um todo, conseqüentemente, pelo conhecimento e pela contribuição das mulheres. Por isso, para acolher o conhecimento das mulheres, perceber sua importância para o fazer histórico, é necessário partir da epistemologia do Cotidiano, que possibilita a produção de novas reflexões e relações.⁷³ Sobre o Cotidiano e a sua contribuição no processo de digestão e de reconstrução da história das mulheres abordaremos a seguir.

2.2.2 Cotidiano

O conceito cotidiano é de importância fundamental na história das mulheres. No cotidiano, as pessoas vivem as suas relações umas com as outras, acumulam experiências de vida, crescem enquanto individualidades. O cotidiano consiste, assim, de complexidades, de descontinuidades, de inconstâncias, de verdades, de histórias, de saberes informais. O cotidiano define um campo de múltiplas interseções para transcender categorias e polaridades ideológicas. Interseções que diluem conceitos como público e privado, biológico e mental, natureza e cultura, razão e paixões, sujeito e objeto.⁷⁴

Usar o conceito de Cotidiano como produtor de conhecimento histórico é valorizar todos os espaços e contribuições. É deixar as coisas fluir na espontaneidade, sem ter uma tradição universal, um discurso que legitime o que é certo ou errado. É não tomar o passado como atemporal, dogmático, verdadeiro e

⁷¹ LAGARDE, Marcela apud SILVA, Márcia Alves da; EGGERT, Edla. Descosturar o doméstico e a 'madresposa': A busca da autonomia por meio do trabalho artesanal. (In) EGGERT, Edla. *Processos Educativos no fazer artesanal de mulheres no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011. p. 41-42.

⁷² EGGERT; SILVA, 2011, p. 57.

⁷³ GEBARA, 2008, p. 33-34.

⁷⁴ GIERUS, 2006, p. 28.

divino. É perceber o passado como a Experiência e a maneira de um povo viver, num momento específico, a partir das suas relações e Experiências.⁷⁵ Com isso, o conceito de Cotidiano desloca o centro da história, pois mostra que também os grandes fatos históricos pertencem ao Cotidiano, as suas consequências e a ele retornam.⁷⁶

Além disso, o conceito de Cotidiano rompe com dicotomias, com hierarquias e com polaridades. Dilui conceitos como biológico e mental, natureza e cultura, sujeito e objeto, razões e paixão, público e privado. Isso porque conforme Ivone Gebara:

o cotidiano não é a história dos fatos históricos grandiosos, como a guerra, as conquistas espaciais ou as grandes invenções científicas, mas vida de todo dia. O cotidiano é o combate para viver hoje, para encontrar trabalho, para ter o que cozinhar, para ter água para lavar as crianças e a roupa, para trocar gestos de amor, para encontrar um sentido imediato para a vida. O cotidiano é o mundo doméstico, o mundo das relações breves, das relações mais diretas, que são às vezes capazes de mudar as relações mais amplas. O cotidiano das mulheres se introduz na ciência chamada universal para lembrar-lhe o concreto, as coisas que são necessárias à vida ou à sobrevivência. O cotidiano é a rotina, os hábitos de cada dia, família, filhos, os vizinhos do bairro, tudo isto que faz parte da trama mais imediata da vida. O cotidiano são nossas histórias pessoas, nossos sentimentos diante dos acontecimentos, nossas reações diante do noticiário da rádio ou da televisão, ou ainda nossas reações perante os múltiplos problemas da atualidade. É neste meio particular que nascemos, sofremos, amamos e morremos. O cotidiano das mulheres e homens entra na ciência histórica para mostrar que as grandes estruturas econômicas e políticas têm a ver com o que vivemos em nossos lares. O doméstico não está separado das grandes questões socioeconômicas, nem dos grandes desafios da cultura.⁷⁷

O conceito de Cotidiano subverte a lógica patriarcal, que percebe o espaço doméstico e privado como um espaço destituído de poder e de importância para a produção do conhecimento histórico.⁷⁸ Essa subversão ocorre, pois, o conceito de Cotidiano desloca o espaço de reflexão e de produção do conhecimento para o espaço doméstico e privado. Esse deslocamento apresenta também esses espaços como fazedores e refazedores da história. Se o privado e o doméstico são os lugares destinados as mulheres, nesse deslocamento elas passam a ser percebidas como criadoras, que falam e escrevem. Seu saber e a sua contribuição passam a

⁷⁵ GEBARA, 2008, p. 42.

⁷⁶ HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2016. p. 38-39.

⁷⁷ GEBARA, 2000, p. 121.

⁷⁸ EGGERT; PAIXÃO, 2014, p. 219, 221.

ser importantes e relevantes para a produção do conhecimento histórico.⁷⁹ Por isso, o conceito de Cotidiano confere poder as mulheres e aos espaços ocupados por ela. Mais do que isso, o conceito de Cotidiano, inspira as mulheres a irem além e a ocupar outros espaços de poder. Inspira as mulheres a ocupar os espaços públicos, de fala, de escrita, de poder para contar, escrever suas histórias e preservar suas memórias.⁸⁰

2.2.3 Memória das mulheres

*A memória, repleta de vivências do cotidiano e do passado, mostra-se como um conceito eficaz para dentro da história. Nela e no corpo do sujeito, imprimem-se as marcas da dor ou da alegria, do sofrimento ou da felicidade. Estas marcas fazem a história individual ou coletiva de um determinado período, ser compartilhadas. [...] Ter memória é ter uma história, é ter uma identidade, é ter um nome. [...]*⁸¹

O conceito de Memória é muito eficaz na reconstrução da história das mulheres. A Memória quer trazer à tona o nome de mulheres, suas alegrias, dores, vivências e feitos que contribuíram para a história individual e coletiva. A Memória tem como objetivo lembrar que as mulheres têm um nome, têm uma identidade, têm uma história. O conceito de Memória resgata a participação delas como protagonistas da história e como criadoras de novas propostas para o fazer histórico, que acolham o ponto de vista feminista.

O ponto de vista feminista ajuda a perceber que as Memórias das mulheres, que chegou até nós, através da história escrita, é sempre marcada pelo patriarcado. Por isso, para recuperar as Memórias das mulheres é preciso vasculhar as memórias androcêntricas, visando achar o significado feminista da relação dialética das mulheres como ativas na história e como objetos da opressão patriarcal. Opressão que não é natural, mas construída socialmente. Para isso, precisamos perceber o poder e influência das mulheres dentro da história patriarcal. Feito isso, devemos ir além da história que temos registrada. Precisamos ir para uma pré-história, para o momento anterior de a história ser escrita.⁸²

⁷⁹ EGGERT, Edla. Doméstico-Espaços e Tempos para as Mulheres Reconhecerem Seus Corpos e Textos. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (orgs.). *À flor da pele. Ensaio sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004. p. 241.

⁸⁰ GIERUS, 2000, p. 47.

⁸¹ GIERUS, 2006, p. 32.

⁸² FIORENZA, 1998, p. 115-116.

Para chegar nesse momento anterior, é preciso tirar os entulhos deixados pelo patriarcado, encontrar fragmentos e pistas deixadas nas entrelinhas.⁸³ Mais do que encontrar os fragmentos, é necessário utilizar criatividade e arte para juntar esses fragmentos, transformando-os em belos mosaicos. Mosaicos que entrelaçam os fragmentos das Memórias das mulheres, fazendo delas belas obras de arte.⁸⁴ Essas belas obras de arte apresentam e inspiram as mulheres a serem autoras sociais, históricas, autônomas e empoderadas.

Por isso, o processo de resgate das Memórias das mulheres tem como objetivo empoderá-las, pois ter Memória é ter poder. As mulheres, que são encorajadas a contar a sua ou a história de outras, que vieram antes delas, estão exercendo o poder da comunicação. Quem se comunica compartilha experiências, saberes e ensina. Mais do que poder de comunicação, a Memória confere o poder da história. Quem tem Memória tem também história, resiste ao conformismo, ao esquecimento, cria e recria o presente e o futuro.⁸⁵ Conforme Lilian do Vale, [...] de nada valerão nossos esforços para resgatar a memória se não for para liberar, enfim, do esquecimento, a criação (o ato de criar) - este poder que nos exige inventar o presente e deliberar sobre o futuro”.⁸⁶

Devolver o poder da Memória para as mulheres é a nossa forma de perseverar para que as nossas vozes sejam ouvidas e, ao mesmo tempo, questionar uma tradição, que nos empurrou para a margem da história. Buscamos a nossa memória perdida e “escrevemos porque queremos que nossas filhas/os tenham histórias [...]. Escrevemos porque, ao escrever, encontramos lugar para nós nos espaços brancos entre as letras pretas”.⁸⁷

Dentro dessa perspectiva, apesar das lacunas deixadas pela história escrita da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, o conceito de Memória auxilia a rastrear os nomes, as vivências, as experiências e os feitos das mulheres na história da Paróquia. A Memória subsidia também no processo de empoderamento das mulheres. Ela incentiva que, através do poder da comunicação, elas contem a sua e a história de outras mulheres, democratizando o poder da

⁸³ DEIFELT, 2003, p. 178,181.

⁸⁴ ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se Acredito em Deus*. São Paulo: Planeta, 2013. p. 15.

⁸⁵ GIERUS, Renate. CorpOralidade – História Oral e corpo. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (orgs.). *À flor da pele*. Ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004. p. 50.

⁸⁶ VALE, Lilian do. *Sob o signo da criação: Memória como identidade*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, Vol 20. N. 298, mar/abr, 1998. p. 5-6.

⁸⁷ FIORENZA, 1998, p. 191.

história. Através desse poder, as mulheres terão a possibilidade de resistir ao conformismo e ao esquecimento, revisando, ampliando e recriando os registros históricos da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. A revisão, a ampliação e a recriação têm como objetivo incluir o protagonismo das mulheres e as novas propostas de fazer história, apresentadas por elas. Para esse ato de revisão, de ampliação e de recriação da história escrita da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, a partir da Memória e da história das mulheres, faz-se necessário também construir novas fontes para a pesquisa. Para esse processo, a metodologia da pesquisa Autobiográfica, através da Narrativa das Histórias de Vida, é percebida como uma alternativa interessante.

2.2.3 Histórias de Vida

Também nós somos feitos de cacos. Milan Kundera comparou a vida a uma partitura musical. O ser humano, guiado pelo sentido da beleza transpõe o acontecimento fortuito [o caco] para fazer dele um tema que, em seguida, fará parte da partitura da sua vida. Voltará ao tema repetindo-o, modificando-o, desenvolvendo-o, transpondo-o, como faz um compositor com os temas da sua sonata. Somos um mosaico espiral, à semelhança do Bolero de Ravel.⁸⁸

Nós, seres humanos somos feitos de cacos. Esses cacos que vamos juntando para formar um belo mosaico. Esse processo de montagem do mosaico é algo que fazemos a partir e durante toda a nossa vida. A partir dele, damos sentido ao que acontece conosco, vamos nos construindo, transformamos e somos objeto de transformação, desconstruímos e reconstruímos teorias, que nos ajudam a entrar em contato com a nossa existência e a vive-la em plenitude.⁸⁹ As Memórias das mulheres também são feitas de cacos, a partir da vida, e exigem criatividade para torna-las num belo mosaico, que faça sentido, que transforme o jeito de fazer história, que recupere a importância e o protagonismo delas dentro da história. Para esse processo, percebe-se metodologia da Pesquisa Autobiográfica, através da Narrativa das Histórias de Vida, como uma alternativa interessante. Para demonstrar a potencialidade dessa alternativa é necessário abordar dois elementos, que

⁸⁸ ALVES, 2013. p. 15.

⁸⁹ PASSEGGI, Maria da Conceição. *A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora*. Coisas do Gênero. São Leopoldo: Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST. Vol. 2 n. 2, ago.-dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2918/2718>>. Acesso em: 17 ago. 2017. p. 305.

compõem essa metodologia, sendo eles: Autobiografia e Narrativas das Histórias de Vida.

O elemento da Autobiografia traz para dentro do fazer histórico a relevância da pesquisa Biográfica. Ela que consiste em três níveis:

a) como modo de dar conta da realidade vivida; b) como processo de elaboração de um texto; e c) como um processo de formação. É Shulze quem propõe a noção de sujeito biográfico no entrecruzamento dos dois primeiros níveis: o da biografização como arte de contar a vida e o da biografização como processo de elaboração do texto. O que pretendemos propor é que a cada um desses três níveis corresponda uma dimensão do sujeito. Na biografização como vida, encontramos o sujeito da experiência, que se reporta ao que acontece e ao que lhe acontece no mundo da vida. Na biografização como espaço de formação, teríamos o sujeito epistêmico, que retira lições das experiências vividas e contadas em sua narrativa. E na biografização, como processo de elaboração do texto, encontramos o sujeito autobiográfico, que se constitui na linguagem e pela linguagem, numa estreita relação com o sujeito epistêmico e o sujeito da experiência.⁹⁰

Esses três níveis revelam que a Biografia não é algo que fazemos de maneira esporádica, mas sim um processo constante, que vai construindo e transformando quem somos. A atividade Biográfica “é uma das formas privilegiadas da atividade mental reflexiva segundo a qual o ser humano representa a si mesmo e se compreende no seio de seu ambiente social e histórico”.⁹¹ A compreensão do ser humano dentro do seu ambiente social e histórico possibilita a percepção que o indivíduo não existe em solidão. Ele existe dentro de uma sociedade com relações diversas e plurais. “Na vida de um indivíduo, convergem fatos e forças sociais, assim como o indivíduo, suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence”.⁹²

Uma das formas do ser humano expressar os fatos, forças sociais, suas ideias, representações, o contexto social, no qual pertence, enfim, a vida como um todo, é através das Narrativas. As Narrativas têm um valor inestimável para a compreensão do ser humano. Elas começam com a própria história da humanidade, tendo um indício inquestionável de sua universalidade. As Narrativas dão sentido ao mundo e o nosso ser. No ato de narrar tecemos histórias, somos tecidos e tecidas

⁹⁰ PASSEGGI, 2016. p. 310.

⁹¹ PASSEGGI, 2016. p. 306.

⁹² PRIORE, Mary del. *Biografia: Quando o Indivíduo Encontra a História*. Revista Topoi. Vol. 10. N. 19, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi19/topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2017. p. 10.

por elas.⁹³ Isso ocorre, porque, conforme Cunha, “os seres humanos são contadores de histórias, vivem vidas contadas. O estudo das narrativas estuda como o ser humano experimenta o mundo.”⁹⁴ As Narrativas convidam a contar a nossa vida, nossa história e a perceber como experimentamos o mundo.

O processo de narrar a própria história é conhecido como Narrativa Autobiográfica. Ela desencadeia um processo denominado, por Marie Cristine Josso, de “caminhar para si”.

O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. A proposta do processo de conhecer a si mesmo não significa apenas compreender como nos formamos e a influência de nossas experiências em nossa vida, mas, para além disso, nos reconhecemos como sujeitos sociais, permitindo encarar nossos objetivos de vida daí por diante de forma mais consciente e autônoma, tornando-nos efetivamente sujeitos de nossas existências.⁹⁵

No processo de caminhar para si, a pessoa elabora a sua própria história e se vê como personagem e autora da reflexão. Percebe-se como sujeito e protagonista do ser e do fazer história.⁹⁶ Quando as mulheres têm a oportunidade de narrar a História da sua Vida, nomeando as suas experiências e dando voz ao seu próprio mundo, elas realizam a produção de conhecimento com sentido, instituindo-as como sujeitos históricos.⁹⁷ Além disso, quando elas têm a oportunidade de partilhar sua História de Vida com as outras, elas se permitem descobrir novos conhecimentos, a partir da experiência da outra pessoa. Esses novos conhecimentos, construídos coletivamente, a partir da experiência de novos sujeitos históricos, no caso dessa pesquisa as mulheres, contribuem para mudanças no pensar e no fazer da humanidade.⁹⁸ Essas mudanças possibilitam escrever uma nova história coletiva e a própria história da pessoa.⁹⁹

⁹³ PASSEGGI, 2016. p. 304-305.

⁹⁴ CUNHA, Maria Isabel da. *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara/SP: JM Editora, 1998. p. 43.

⁹⁵ JOSSO, Marie-Christine apud EGGERT; SILVA, 2011. p. 60.

⁹⁶ PASSEGGI, 2016. p. 306.

⁹⁷ JOSSO, Marie-Christine. *Histórias de vida e Projeto: A história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos*. São Paulo: Educação e Pesquisa. Vol. 25. N. 2 jul/dez, 1999.p. 16.

⁹⁸ JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Educação. Porto Alegre. ano XXX. N 3 (63), set/dez. 2007. p. 415.

⁹⁹ PAIXÃO, Márcia Liane Leindcker da. Narrativas de vida: Mulheres que aprendem e transformam suas histórias. (In) MUSSKOPT, André S; BLASI, Márcia. *Ainda Feminismo e Gênero: Histórias*,

2.3 Conclusão

Ao findar desse capítulo percebe-se que a Historiografia Feminista é um ótimo “estômago” para digerir e reconstruir a história das Mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Isso porque, ela possibilita enxergar as mulheres como protagonistas e as suas experiências relevantes para a construção da história. Para isso, a Historiografia Feminista propõe uma nova relação entre teoria e prática, que resulta no olhar para a integralidade da vida e do ser humano. Esse olhar recupera a diversidade e a multiplicidade da vida, das relações e das experiências. Essa multiplicidade da vida, das relações e das experiências são importantes para o fazer histórico, que deixa de ser universal, para ser plural e inclusivo. Para esse processo, a Historiografia Feminista propõe a criação e recriação de novos paradigmas e conceitos. Nesse capítulo, a Historiografia Feminista nos aproximou de três conceitos importantes, para o seu bom funcionamento, são eles: Experiência, Cotidiano e Memória.

A aproximação do conceito da Experiência possibilita novamente considerar a Experiência Humana como produtora de conhecimento histórico. Essa percepção permite acolher a multiplicidade e a complexidade da vida. Ela faz compreender que todas as Experiências são importantes para a construção do conhecimento histórico. Dentre essas Experiências, estão as Experiências das mulheres, que são marcadas pela pluralidade de jeitos, contextos e pensamentos. Mas que é também marcada por uma unidade e solidariedade de Experiências, devido as construções sociais patriarcais, que pautam nossas relações. Essas construções patriarcais definem lugares sociais bem específicos para as mulheres, a saber o espaço doméstico e privado. Assim, as Experiências das mulheres, seus conhecimentos e contribuições estão muito marcadas por esses espaços. O desafio é que o privado e o doméstico não são considerados como espaço de criação de conhecimento histórico, pela forma tradicional de se fazer história.

Por isso, a Historiografia Feminista aproxima-se do conceito de Cotidiano. O conceito de Cotidiano foi menosprezado pela maneira tradicional de produzir conhecimento. A aproximação com o conceito de Cotidiano supera dicotomias e hierarquias. Ela acaba com a oposição entre privado e público, entre razão e

sentimento, entre família e trabalho. O fim dessa oposição torna todos os lugares e jeitos relevantes para a produção do conhecimento histórico. Com isso, também os espaços, as experiências e os saberes das mulheres passam a ser produtores de conhecimento histórico. Também elas têm direito de saber, de contar a sua história e ter as suas Memórias preservadas.

Para a preservação das Memórias das mulheres percebe-se a pesquisa Autobiográfica, através das Narrativas das Histórias de Vida como uma excelente ferramenta de pesquisa. Através delas, as mulheres têm o poder de contar a sua história, de olhar para as suas vidas, para as suas contribuições, percebendo-se como ser de valor nesse mundo. O processo de narrar a sua vida permite também transformar a sua história pessoal, como também reconstruir a história coletiva das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João.

Para o processo de reconstrução da história coletiva das mulheres é necessário ter uma motivação e uma metodologia. A motivação decorre da campanha da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), intitulada: “Em Comunhão com as Vidas das Mulheres.”. Essa campanha utilizou para elaboração da sua metodologia a Historiografia Feminista e os conceitos aqui apresentados. A motivação, o breve histórico da campanha, sua metodologia e os resultados obtidos, a partir dela, serão apresentados no próximo capítulo.

3 EM COMUNHÃO COM AS VIDAS E COM AS HISTÓRIAS DAS MULHERES DA PARÓQUIA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA APÓSTOLO JOÃO PARA RECONSTRUIR A HISTÓRIA

3.1 Introdução

O presente capítulo tem como objetivo reconstruir a história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, resgatando a participação e o protagonismo das mulheres. Para isso, utilizará como base a metodologia e os resultados obtidos a partir da Campanha da IECLB: “Em Comunhão com as Vidas das Mulheres”. Para alcançar seu alvo, o capítulo apresentará a motivação, o objetivo da campanha, sua metodologia e os resultados obtidos, a partir dela.

3.2 Motivação da Campanha em Comunhão com as vidas das mulheres

Ao falar em motivação, vem à mente a ideia daquilo que inspira, motiva e dá o fundamento para algo ser feito e proposto. Este tópico apresentará brevemente aquilo que dá o fundamento para a campanha em Comunhão com as Vidas das Mulheres. Para isso, apresento uma estória de Gabriel Garcia Marquez:

Havia uma aldeia de pescadores, onde a noite sucedia os dias e os dias sucediam as noites, tudo era sempre igual. A vida havia caído numa monotonia, seguida da inércia e do desgosto de viver. Até que algo estranho apareceu no mar, algo que nunca fora visto antes por ninguém. As ondas do mar trouxeram até aquela aldeia um homem desconhecido, que se encontrava morto. Parecia que seu corpo sem vida estava há muito tempo no mar. O mesmo estava coberto por liquens e algas, testemunhas dos mistérios e dos lugares por onde o morto havia passado. Afinal, o que fazer com o corpo morto, senão enterrá-lo?¹⁰⁰

Acontece que, sem querer, homens e mulheres fizeram com aquele corpo, inerte e mergulhado em silêncio, uma coisa que nem eles esperavam. As pessoas daquela aldeia começaram a criar estórias sobre a pessoa do morto. Ao olhar para o seu porte físico, imaginaram que ele devia abaixar a cabeça ao passar nas portas. Isto fez com que imaginassem que o morto tinha sido uma pessoa gentil, de fala

¹⁰⁰ ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte ou O Feitiço erótico-herético da teologia*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 97.

suave como a brisa e, por vezes, ousada como as ondas do mar. Ao sentirem a maciez de suas mãos, imaginaram que aquela pessoa deveria ter amado como ninguém. Homens e mulheres pensaram sobre os lugares por onde aquele corpo teria passado, sobre os seus gestos e palavras, e o viram brincando com as crianças e dando as mãos aos idosos.¹⁰¹

Enquanto as mãos preparavam o corpo para o enterro, o pensamento e as palavras iam e vinham, tecendo um milagre na vida das pessoas daquela aldeia. Da fala sobre a estória do morto, uma vida nova ia nascendo. As pessoas olharam para a sua vida até ali e perceberam que tudo poderia ser diferente se o afogado tivesse vivido ali. “E de repente, a ciranda sem fim das mesmas coisas que se repetem se interrompeu por um morto que propôs uma nova dança. E os olhos cansados de ver as mesmas coisas começaram a ver coisas diferentes”.¹⁰² Conta a história que a aldeia nunca mais foi a mesma, graças ao silêncio de um morto e das histórias que sobre ele foram contadas.

O afogado da estória lembra de alguém, do qual constantemente ouvimos e contamos histórias, esse alguém é Jesus Cristo. Através da sua vida, morte e ressurreição, Ele concedeu ao mundo vida nova e boa, revelando o amor e a graça de Deus a todas as pessoas (Cf. Romanos 3.24). A descoberta do amor e da graça de Deus, reveladas em Jesus Cristo, transformou e encheu a vida de muitas pessoas de esperança. Ela impulsionou a muitas pessoas, nas mais variadas épocas, a sair do comodismo, a ter coragem, a questionar as estruturas injustas do seu tempo, a partilhar e a viver do amor e da esperança que brotam da fé.

Dentre essas pessoas, estava o Reformador Martim Lutero, a reformadora Katharina Von Bora e muitos outros homens e mulheres. Elas e eles foram impulsionadas e impulsionados pela redescoberta da escritura, que relata sobre o amor e a graça de Deus, revelado em Jesus Cristo. Esse Deus, a partir do batismo, torna todas as pessoas em “raça eleita, sacerdócio real, nação santa (1 Pedro 2.9)”. No Batismo, todas as pessoas passam a ser uma em Cristo, acabando com todas as desigualdades, entre homens e mulheres, judeus e não judeus, pessoas escravizadas e pessoas livres (Cf. Gálatas 3.28). Pelo batismo, todas as pessoas são chamadas a “servir uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu (1 Pedro 4. 10)”. Esse serviço, motivado pelo batismo, é chamado de sacerdócio geral

¹⁰¹ ALVES, 2005, p. 98.

¹⁰² ALVES, 2005, p. 98.

de todas as pessoas crentes. A partir da concepção do sacerdócio geral, toda pessoa cristã é responsável, com seus dons, pela edificação da comunidade e pela vivência do amor de Deus no mundo. Com isso, não existe vocação mais importante e nenhuma pessoa deve se colocar acima da outra.

Com tudo isso, a Reforma, com seu marco em 31 de Outubro de 1517, foi um divisor de águas para o reconhecimento das mulheres, em especial, dentro da Igreja. Apesar de pouco registro sobre o feito delas, durante a reforma, que estão aos poucos sendo resgatados, percebe-se que motivadas pela redescoberta do evangelho, que incentivava cada pessoa cristã a ler a Bíblia e expressar sua fé, muitas mulheres falaram, escreveram, protestaram, se posicionaram e deram a sua contribuição para a reforma. Além delas, impulsionadas pelo movimento da reforma, outras mulheres, durante toda a história, deram a sua contribuição dentro e fora da Igreja. Muitas delas, motivadas pelo chamado de Deus, contribuíram com seus dons e transformaram a Igreja e outros espaços da sua realidade. Conforme Marie Dentierre:

Se Deus deu então a graça a algumas boas mulheres, revelando-lhes, pelas Santas Escrituras, algo santo e bom, não ousariam elas escrever, falar e declará-lo uma à outra? Ah! seria uma audácia pretender impedi-las de fazê-lo. Quanto a nós, seria muita tolice esconder o talento que Deus nos deu.¹⁰³

Elas escreveram, falaram, protestaram e pouco se lê ou se vê sobre seus pensamentos, nomes e rostos. Mesmo que a teologia luterana se baseia que tanto homens e mulheres são perdoados por graça e fé, a partir da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, o movimento da reforma e também o reformador Martim Lutero, como filho do seu tempo, manteve a posição de inferioridade, de submissão e de silêncio das mulheres. Apesar de apresentar argumentos contrários a liderança de mulheres, seja no ministério ordenado ou em outro cargo de liderança dentro da igreja e da sociedade, a Reforma foi e continua sendo uma incentivadora no reconhecimento das mulheres, em especial, dentro da Igreja.¹⁰⁴ Para fazer justiça a nossa herança e na inspiração dos 500 anos da reforma, celebrados no ano de 2017, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em parceria com o

¹⁰³ KUSS, Cibele; WEISSHEIMER, Vera Cristina. *O Movimento da Reforma e a Participação das Mulheres*. 2013. Disponível em: <www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/o-movimento-da-reforma-e-a-participacao-das-mulheres>. Acesso em: 10 out. 2017. (sem página).

¹⁰⁴ KUSS; WEISSHEIMER, 2013. (sem página).

Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST, criou e lançou a Campanha em Comunhão com as Vidas das Mulheres.

3.3 Objetivo da Campanha em Comunhão com as vidas das mulheres

Eu afirmo a vocês que isto é verdade: em qualquer lugar do mundo onde o evangelho for anunciado, será contado o que ela fez, e ela será lembrada¹⁰⁵

No dia 07 de Março de 2014, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em parceria com a Faculdades EST e com o apoio da Federação Luterana Mundial, lançou a campanha: Em Comunhão com as Vidas das Mulheres. A campanha nasce da inquietação, que mesmo as mulheres tendo uma grande participação e protagonismo nas comunidades da IECLB, as suas experiências, participação e o protagonismo na história de nossa Igreja foram esquecidos. A campanha tem como objetivo resgatar as memórias e “as histórias de mulheres, que fizeram e fazem a história da Igreja, colocando suas vidas, seus dons e suas habilidades a serviço do Evangelho; registrar suas vidas, seus feitos, seus ensinamentos.”¹⁰⁶ Para esse processo, as mulheres são convidadas a contar a sua história e a sua contribuição para história de sua comunidade de fé e da IECLB como um todo, fazendo jus a memória e a participação delas na história de nossa Igreja.

Quando resgatamos as histórias de vida das mulheres luteranas, a história de nossas avós, mães, tias, irmãs, filhas, vizinhas, registramos o conhecimento e experiência dessas mulheres e o que elas têm a nos ensinar. É dar voz a quem, em muitas situações, e por um longo tempo, não teve voz. O objetivo desse projeto é coletar histórias de vida de mulheres e grupos de mulheres da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) para dar visibilidade a suas formas de viver e participar na Igreja e na Sociedade, no passado e na atualidade, valorizando o papel das mulheres nesses espaços.¹⁰⁷

¹⁰⁵ Á BÍBLIA, 2005. Marcos 14.9;

¹⁰⁶ STANGE, Rosângela. SOUZA, Mauro Batista de. *Em Comunhão com as Vidas das Mulheres*. 2014. Disponível em: <www.luteranos.com.br/conteudo/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres-28700>. Acesso em: 30 ago. 2017. (sem página).

¹⁰⁷ STANGE; SOUZA, 2014. (sem página).

3.4 Metodologia da Campanha em Comunhão com as vidas das mulheres

Para desenhar a metodologia da campanha alguns traços são importantes. Esses traços são: definir quem pode participar, como participar, o formato e delinear algumas perguntas norteadoras para quem escreve a sua história.

No tocante a quem pode participar, todas as mulheres luteranas das mais diversas gerações, que atuam na Igreja e na sociedade nas mais diferentes atividades: como ministras, como lideranças, organizadoras, coordenadoras e participantes de grupos e atividade. Mulheres que atuam nas mais diferentes profissões e tipos de trabalho. Mulheres dos mais variados lugares do Brasil. “Incentivamos todas as mulheres a participar e contar sua história para que seja possível ver a diversidade presente em nossa Igreja. Todas são importantes!”¹⁰⁸

Sobre como fazer para participar, cada mulher é convidada a contar a sua história do seu jeito, respeitando a subjetividade e a individualidade de cada uma delas. “Também é possível organizar grupos nas comunidades e sínodos para motivar as mulheres a participar, inclusive realizando entrevistas ou ajudando-as a produzir e enviar sua história”.¹⁰⁹

Em relação ao formato, as narrativas devem ser coletadas e enviadas, juntamente com uma foto, por escrito, gravadas em vídeo ou em áudio. As narrativas podem ser escritas ou gravadas pela própria pessoa, por uma pessoa familiar ou por uma pessoa ou grupo da comunidade.

Por fim, para nortear quem escreve a sua história ou a de outra mulher, algumas perguntas devem ser levadas em conta, a saber: O nome da mulher a quem pertence a história; Idade; Local onde mora, Comunidade, Paróquia, Sínodo a qual pertence; Tempo de participação na IECLB; Aspectos que considera importante na vida da comunidade; Atividades em que participa ou participou e que são importantes para a sua vida; Coisas que fez, faz e gosta de fazer; Coisas que mudaria ou faria de forma diferente; Contribuições da vida de fé para a Igreja e a sociedade; Momentos marcantes da vida na comunidade;¹¹⁰

¹⁰⁸ STANGE; SOUZA, 2014. (sem página).

¹⁰⁹ STANGE; SOUZA, 2014. (sem página).

¹¹⁰ STANGE; SOUZA, 2014. (sem página).

3.5 Histórias das Mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João

Através da metodologia da campanha em Comunhão com a Vidas das Mulheres, as histórias das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João foram coletadas. O resultado dessa coleta está publicado no portal Luteranos, pertencente a IECLB. Ela tem como objetivo reconstruir a história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, resgatando as vozes, as memórias e o protagonismo das mulheres. O presente tópico apresentará a história de algumas mulheres importantes para a história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. Mulheres que estiveram presentes no processo de fundação das quatro comunidades que compõem a mesma. As histórias das mulheres reunidas, cada qual com sua particularidade, são partes inspiradoras de um mosaico de protagonismo e fé.

3.5.1 História de Darci Becker Maas

A senhora Darci Becker Maas reconhece que sem a fé em Deus ela não seria nada. A fé a aconchega nos momentos de dificuldade e dá sentido ao seu sorriso nos momentos de alegria. A história da Dona Darci é uma parte inspiradora de confiança e gratidão a Deus.

Eu me chamo Darci Becker Maas, tenho 73 anos e participo da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Vila Nova, pertencente à Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, Jaraguá do Sul-SC.

Sou luterana desde o meu batismo. Eu tenho muito orgulho de ser membro dessa comunidade. Eu faço parte do presbitério há dezessete anos. Participo da OASE dessa comunidade desde a sua fundação. Sou tesoureira da OASE, participo dos cultos e ajudo nas festas. Também participo do grupo de pessoas idosas na Comunidade Vila Lenzi, pertencente a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo Paulo. Eu gosto de fazer leituras bíblicas nos cultos e ajudar na acolhida das pessoas que chegam a Igreja. Gosto também de conversar e de ajudar na cozinha.

Em minha comunidade e vida eu não mudaria nada. Sempre peço a Deus que me fortaleça na fé. A minha vida é a fé, sem Deus eu não sou nada. A fé nos faz ter mais força e segurança diante das situações que temos que enfrentar. Ela também nos faz ter gratidão diante das belezas e alegrias da vida.

Eu tive muitos momentos marcantes em minha vida. O mais marcante foi quando minhas duas filhas tiveram câncer de mama e eu me vi perdida. Mas com muita fé em Deus consegui superar. Hoje, graças a Deus, elas estão bem. Eu agradeço as pessoas da comunidade que nos deram muita

força através das orações, da presença, de ouvidos acolhedores, de palavras bondosas e abraços carinhosos. E por esse cuidado, de sorrir com as alegrias, de motivar a esperança e de cuidar e de enxugar as lágrimas é que somos comunidade. Pois a partir da fé em Cristo, vivemos sempre em união, paz, fé, amor e esperança.¹¹¹

3.5.2 História de Erna Tank Gaedtke

A Erna Tank Gaedtke, a partir da sua fé, sempre foi muito solidária e dedicada em ajudar as pessoas próximas. Ela também auxiliou na educação dos netos e neta, mostrando a importância da fé e do amor, que transformam o mundo num lugar mais solidário. A história da dona Erna é uma parte inspiradora de fé que convida a transformar a nossa realidade.

Erna Tank Gaedtke (falecida aos 89 anos e 11 meses) participou da Comunidade Martim Lutero (ilha da figueira) desde o seu nascimento. Dentre os aspectos que considerava importante na vida da comunidade estavam a constante oferta de congressos, cursos, renovação dos conhecimentos oferecidos pela igreja; o convívio com todos os membros e passeios; estudos bíblicos, grupos de orações... Era participante de diversos grupos tais como OASE PRIMAVERAS (grupo alemão) do qual foi presidente por diversos anos, OASE MARTIM LUTERO (Ilha da Figueira), Grupo de Idosos (Edwig F. Bruns), estudo bíblico (recebeu em casa por diversas vezes) etc. Sempre participou de toda atividade em que foi solicitado seu trabalho ou colaboração.

Erna adorava bordar, tinha o hábito diário da leitura bíblica e das senhas diárias isso, muitas vezes, em língua alemã. Sempre muito solidária, contribuiu em campanhas de ajuda ao próximo. Também ajudou na educação de netos e neta sempre mostrando a importância da fé e do amor, tornando nossa sociedade mais amorosa e solidária.

Erna teve diversos momentos marcantes na vida em comunidade: viu suas filhas e filho se casarem e batizarem seus netos e neta e pode participar ativamente dos encontros oferecidos pela comunidade/paróquia.¹¹²

3.5.3 História de Esther Lietz

A Esther Lietz sempre foi uma liderança muito ativa na comunidade, dirigia os estudos bíblicos, visitava, em conjunto com o Pastor, as pessoas doentes e escrevia orações para pessoas que tinham vergonha de orar em público. A história da Dona Esther é uma parte inspiradora de fé que chama a ser protagonista, através dos nossos dons.

¹¹¹ MAAS, Darci Becker Maas. *História de Vida de Darci Becker Maas*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

¹¹² GAEDTKE, Rudiberto; GAEDTKE, Joanilde. *História de Vida de Erna Tank Gaedtke*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso: em 30 nov. 2017. (sem página).

Eu me chamo Esther Lietz, tenho 86 anos, sou viúva e tenho um filho e duas filhas. Sou luterana desde o meu batismo. Desde criança, na cidade de canoinhas, participava da comunidade e por causa disso, sofri preconceito na escola. A professora, que era da Igreja Católica, discriminava as pessoas luteranas e falava mal da nossa Igreja. Experimentei muitas brigas e divisões entre pessoas católicas e luteranas. Hoje, percebo que isto está bem melhor.

Atualmente sou membro da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Vila Nova, pertencente a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, Jaraguá do Sul-SC. Participo desta comunidade desde a sua fundação.

Nos tempos da fundação da comunidade experimentamos muita união e amizade, éramos como verdadeiros irmãos e irmãs na fé. No início, os cultos aconteciam nas casas de membros, como a de dona Edla Wischral, que foi muito importante para motivar e ajudar a comunidade a chegar onde está hoje. Os encontros da OASE ocorriam em minha casa, no final dos anos 1990.

Na comunidade fui secretária do primeiro presbitério, dirigente do grupo de estudo bíblico, coordenadora do grupo de OASE e visitava e levava Santa Ceia, junto com o pastor, às pessoas que não podiam vir à Igreja. Também escrevia orações para usar nos grupos e entregar para as pessoas que tinham vergonha de orar em público.

Gosto muito de ler a bíblia. Conheço muitas histórias bíblicas e também gosto muito dos hinos da nossa Igreja. Penso que todos os espaços da comunidade são importantes. Os encontros comunitários sempre são muito bons, é ótimo estar em comunhão, se preocupar e cuidar das pessoas, fazer novas amizades.

A Igreja é para mim um espaço de união, amor e respeito onde aprendemos a acolher e respeitar quem é diferente. Na vida comunitária alimento a minha fé, que é base para a nossa existência. A fé em Deus nos ensina a acolher com gratidão tudo o que recebemos, a celebrar as dádivas e a amadurecer e aprender com o sofrimento. Sou uma pessoa que valoriza muito o estudo. Mesmo eu e o meu marido sendo de origem humilde, sempre nos esforçamos para que nossas filhas e filho pudessem estudar.

Sou muito grata a Deus por tudo, em especial pela minha saúde, que hoje não está tão bem. Mesmo assim sinto o cuidado e o amor de Deus através de minha família e das pessoas da comunidade que continuam me visitando e cuidando de mim.¹¹³

3.5.4 História de Helga Ehlert Witthoef

A Helga Ehlert Witthoef, durante todos os momentos da sua vida, reconheceu a importância do viver em comunidade, que nutre a fé, cria amizades e é espaço de união. A história da dona Helga é uma parte inspiradora da fé que convida a comunhão e a paixão pela vida comunitária.

Me chamo Helga Ehlert Witthoef. Nasci em uma família luterana. Com meus pais e avós paternos íamos nos cultos e no Culto Infantil. A minha mãe me ensinou a orar, ao deitar. Ela lia o devocionário Castelo Forte na mesa do café da manhã e antes das refeições nós orávamos o Pai Nosso. Quando “vinha” trovada, minha mãe nos chamava para dentro de casa e, na sala,

¹¹³ MILBRATZ, Pamela. *História de Vida de Esther Lietz*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

orávamos para que o Pai do céu, com seu amor revelado em Jesus, nos protegesse.

Eu fazia 5 km a pé até o local da doutrina (Ensino Confirmatório). O amor de Jesus falou comigo durante uma evangelização com o Sr. Alcides. Ali, decidi entregar o meu coração para Jesus, meu Senhor e Salvador. O dia da minha confirmação foi um momento muito grandioso. A partir da confirmação comecei a participar do grupo de juventude, do Coral Jovem e a ser orientadora do Culto Infantil.

Na casa da minha família só se falava em alemão. A minha mãe me ensinou a ler em alemão cantando. Com o dedo, ela apontava para a palavra cantada. Assim, aprendi alemão ao mesmo tempo em que despertou em mim o interesse por cantar. No Coral Jovem, que também era em língua alemã, aprendi a cantar ainda mais.

O grupo de jovens era sempre acompanhado pelo pastor. Nesse grupo participei de retiros e cresci na minha caminhada espiritual. Foi no grupo de juventude que, depois de alguns anos, conheci meu esposo Valdir Witthoef. Dois anos depois nós nos casamos e viemos morar no Bairro Ilha da Figueira. Na época, a Figueira era ponto de pregação. Os cultos aconteciam no Paiol de Milho de uma família luterana.

Mais tarde, um terreno que ficava a uma quadra da minha casa, foi doado (para a construção da igreja). Nesse terreno, pouco a pouco, passo a passo a comunidade foi se formando e a Igreja foi sendo edificada. A nossa comunidade Ilha da Figueira, foi se formando a partir da comunhão e do calor humano, através do Culto Infantil, da OASE e do grupo de canto.

O grupo de canto era um espaço de muito amor e comunhão, onde louvávamos ao Senhor Jesus, através da Música. Para aprendermos as melodias, o pastor Günther Richter ligava o gravador e tocava a fita cassete com os hinos do hinário. Era um momento de alimentar-se espiritualmente.

Após o nascimento de nossos três filhos, mesmo sendo eles ainda pequenos, eu amava ir aos cultos e ouvir as pregações. Nos primeiros tempos da comunidade, tivemos evangelizações que foram muito importantes para toda a comunidade crescer. Estou hoje há 42 anos nessa comunidade e quero continuar participante (dela) durante o tempo de vida que Deus me der.¹¹⁴

3.5.5 História de Helga Maas Eggert

A Helga Maas Eggert foi uma das fundadoras do Grupo de OASE Antúrio. O grupo se reunia inicialmente em sua casa. A partir do grupo de OASE, a comunidade dos Apóstolos teve o seu início. A história da Dona Helga é uma parte inspiradora de fé e protagonismo que inspira a todas as pessoas a serem multiplicadoras da missão de Deus.

“Meu nome é Helga Maas Eggert, nasci em Guaramirim - SC, tenho 85 anos, sou viúva e tenho seis filhas e um filho. Minha mãe era do interior de Jaraguá do Sul - SC e meu pai da cidade de Pomerode - SC. Meu pai e minha mãe eram agricultor e agricultora. Minha família é luterana desde antes de vir para o Brasil. Eu tenho muito orgulho disso. Sou Luterana desde o meu batismo, quando bebê.

¹¹⁴ WITTHOEF, Helga Ehlert. *História de Vida de Helga Ehlert Witthoef*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

Pertenço a Comunidade Evangélica Luterana dos Apóstolos, ligada à Paróquia Apóstolo João, Jaraguá do Sul-SC. Participo dessa comunidade desde o tempo da sua fundação. Ela teve o seu início inspirado pela Evangelização Tempo, Talento e Tesouro. Essa evangelização tinha como objetivo a formação de pontos de pregação nos bairros da cidade de Jaraguá do Sul.

A partir dessa evangelização e do grupo de mulheres da OASE, deu-se início aos encontros da OASE no Bairro Centenário. Esse grupo de OASE começou em minha casa. Ainda guardo em minha casa a cruz da fundação do grupo OASE Antúrio.

A comunidade dos Apóstolos teve início com o grupo da OASE que, a partir de 1968 começou a se reunir, uma vez por mês no domingo à tarde. Meu esposo Alitor Eggert buscava as mulheres e as trazia para os encontros em nossa casa. Éramos entre 10 e 12 mulheres.

Inicialmente as reuniões da OASE foram realizadas em minha casa. Até que num dado momento, por iniciativa de uma cunhada, que era contrária ao uso da televisão, o grupo ficou um tempo sem se reunir. Mais tarde, o grupo voltou a se reunir na escola Carlos Vassel.

Na escola também ocorriam cultos e a reunião de um grupo de canto. Com o passar do tempo, as pessoas sentiram a necessidade de construir um local próprio para os cultos e as atividades do grupo. Uma série de atividades foram realizadas para angariar fundos: cafés, bingos, brindes confeccionados pelas mulheres da OASE. Tivemos bons resultados e dali surgiu a perspectiva da compra de um terreno.

Eu e o meu marido vendemos o terreno para a comunidade a um preço simbólico. Isso, porque o terreno que tínhamos era bem localizado, livre de enchente e tinha o projeto da construção de uma rua, que facilitava o acesso. Nesse terreno foi construído um galpão, do qual eu e o meu marido tínhamos a chave e cuidávamos de tudo.

Fico muito feliz porque a comunidade está localizada ao lado da minha casa. Na comunidade servi através de leituras bíblicas nos cultos, coordenação da OASE e também gostava muito de fazer os registros dos encontros. Também cuidei por um tempo da limpeza do templo e do pátio.

Atualmente, tenho preocupação com o futuro da comunidade, que pessoas novas participem e continuem a tocar (os trabalhos da) a comunidade. Pois já fiz a minha parte. No início, visitamos todas as pessoas, membros da comunidade, para motivar a participarem.

Algo que lamento muito é que, em virtude da construção de uma nova rua, o templo da nossa comunidade foi destruído. Fato que gerou esvaziamento e desmotivação de parte de membros. Estamos, porém, na perspectiva da construção de um novo templo, num outro terreno, vendido pelo meu filho a um preço simbólico para a comunidade.

Fico feliz pela comunidade permanecer ao lado da minha casa. Pois posso continuar participando da OASE, dos cultos e do grupo das pessoas Idosas. Gosto do convívio com as pessoas, de estudar a palavra de Deus, de ajudar, cuidar e alimentar a minha fé na comunidade.

Algo que considero muito importante é o estudo. Eu não pude estudar, pois minha família tinha a concepção de que mulher estava aí para ser esposa e mãe e para isso não era necessário estudar. Para mudar essa lógica sempre incentivei e fiz de tudo para minhas filhas e o meu filho estudarem. Ensinei a elas e a ele a importância do estudo e da participação da vida na comunidade.¹¹⁵

¹¹⁵ MILBRATZ, Pamela. *História de Vida de Helga Maas Eggert*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

3.5.6 História de Irmgard Schulz Drews

A Irmgard Schulz Drews percebe que a fé traz alegria. Essa alegria deve ser compartilhada com todas as gerações. Por isso, ela gosta muito de contar as belas lembranças que têm da vivência comunitária. A história da Dona Irmgard é uma parte inspiradora da fé que convida a partilhar as memórias e as belezas da vida comunitária.

A sra. Irmgard Schulz Drews participa da Comunidade Ilha da Figueira, IECLB Paróquia Apóstolo João, em Jaraguá do Sul/SC. Com a graça de seus 84 anos de idade, está na comunidade desde a sua fundação à 33 anos, porém é luterana desde o seu batismo.

Por esta caminhada na vida comunitária por toda a vida, percebe como muito importante todos os espaços que envolvem as pessoas membro. Estas como os grupos de OASE, Pessoas idosas, coral e cultos. Da mesma forma participou do grupo de pessoas idosas, OASE, voluntariado, diretoria de grupos e demais espaços comunitários. De tanto gostar deseja continuar participando da OASE, grupo de pessoas idosas e outros momentos. Gosta tanto de sua comunidade que não mudaria nada em suas atividades. Na mesma direção crê que a fé a motiva a continuar sua vida e sua participação em tudo com muita alegria, ainda mais quando lhe é permitido compartilhar suas histórias e lembranças.

Guarda com carinho e de forma marcante a possibilidade de participar da fundação, crescimento e edificação da Comunidade Ilha da Figueira, na qual vivenciou tantos momentos belos em sua vida de fé e serviço.¹¹⁶

3.5.7 História de Joanilde Gaedtke

A Joanilde Gaedtke reconhece que a fé em Jesus Cristo não está baseada em saber qual Igreja tem a maior verdade, mas sim como as Igrejas podem se dar as mãos para fazer desse mundo um lugar melhor. A história da Dona Joanilde é uma parte inspiradora da fé, baseada no amor, que convida a abrir mão das verdades absolutas em prol da bondade, que gera vida.

Hoje, penso que poderia passar a noite escrevendo, são tantas as ideias que passam por minha mente, são tantos pensamentos que até fica difícil escolher o que escrever. A igreja me desafia e assim sendo, aqui deixo registradas emoções pelas quais passei dentro dessa igreja de confessionalidade luterana.

Bom, tenho que mencionar que fui batizada e crismada na igreja Católica, na qual aprendi a amar a Deus sobre todas as coisas, respeitar o meu próximo como a mim mesma e a ter um amor muito especial pela mãe de Jesus, por ter sido ela a escolhida para tutora deste tão grande ser, enfim... Foi nessa igreja (católica) que aprendi a engatinhar na fé.

¹¹⁶ SCHÜNKE, Hiltrud Drews; RUTHMANN, Jaime José. *História de Vida de Irmgard Schulz Drews*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

Depois de meus 23 anos de idade, passei por uma trajetória de árdua batalha entre o catolicismo e o protestantismo. Minha avó paterna tinha a triste crença de que eu não mereceria mais comungar (tomar a santa ceia) junto dos eleitos de Deus, caso eu viesse a me casar na igreja Luterana. Também tive que me submeter ao julgamento dos que se diziam crentes e fiéis da Igreja Luterana. São episódios hoje superados, mas que me causaram muita dor e sofrimento, pois já não me sentia “digna” em nenhuma das duas religiões.

As pessoas conseguem nos deixar no chinelo quando estão resolvidas que tem razão e são doutoras de seus fúteis argumentos. Em determinada ocasião, já frequentando a igreja luterana por opção, dando Culto Infantil na comunidade local, fui convidada a participar de uma reunião regional. Na ocasião, houve debate sobre a aceitação e aproximação das duas igrejas, Católica e Luterana. Lá, definitivamente tive que me dobrar, chorar e ver como somos todos hipócritas quando olhamos para o alto e dizemos ser uma igreja acolhedora, fraterna, amiga.

Naquela reunião ouvi vários depoimentos de pessoas aparentemente esclarecidas. Pensei: - Meu Deus, meu Deus será que me enganei tanto? Será que toda a minha luta foi em vão?

Em nome de tudo que conheci na Igreja Católica e Luterana, e sabendo que não era bem assim como diziam – com certeza não era o que Lutero diria ou confessaria, levantei-me e sem conter o choro, a tristeza e a enorme agonia, sem me importar em ser ou não julgada, e quem sabe condenada por aquele público, falei: Gente, o que estamos fazendo aqui? Estamos procurando coincidências entre essas duas religiões ou queremos estabelecer de vez as diferenças entre elas? O que mais importa não é o amor ao próximo, o amor ao nosso Deus? Eu falo porque conheço um pouco de cada uma dessas religiões e procuro só ver o bem que as conduz. Não consigo negar nada do que aprendi durante o período de minha catequese, durante todo o meu ensino religioso. Por isso peço: - Vamos ver aquilo que nos une, os conhecimentos que nos unem como irmãs e irmãos. Do contrário, nada, nada valerá à pena.

Bom, creio que finalmente as pessoas acordaram e pelo menos por um final de semana refletiram um pouco mais sobre como sermos um grupo acolhedor, uma igreja acolhedora.

Hoje, já com 55 anos de idade, posso dizer que amo ser Luterana, foi essa confissão que optei em seguir e também batizar e confirmar minha filha e meu filho. Participo ativamente da OASE, Projeto Catarinas, Mirians, Martas e Marias unindo papéis e costurando ideias. Sempre que sou convidada à participar de trabalhos comunitários tenho imenso prazer em contribuir.¹¹⁷

3.5.8 História de Lúcia Marquardt Pommerening

A Lúcia Marquardt Pommerening gosta de visitar as pessoas doentes e enlutadas. Ela tem o dom do artesanato e de cuidar das flores, que ornamentam e embelezam o altar da Igreja. A história da Dona Lúcia é uma parte inspiradora da fé que motiva a cada pessoa a servir, através dos seus dons.

1 - Quais aspectos que a Sra. considera importante na vida da comunidade?

¹¹⁷ GAEDTKE, Joanilde. *História de Vida de Joanilde Gaedtke*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

Acolher todas as pessoas sem distinção, de idade, raça ou cor. Com alegria, vivenciar a fé em Comunhão com outras pessoas a partir do Evangelho de Jesus Cristo. Valorizar o trabalho de grupos, principalmente com crianças, jovens e os cultos.

2 - Atividades que participa ou participou e que são importantes para a sua vida.

Sempre participei das atividades da comunidade, desde sua criação. Participei como orientadora do Culto Infantil, juventude, grupo de canto e coral, OASE, Reencontro de Casais, retiros. Ainda participo do grupo de artesanato, grupo de pessoas idosas, diaconia e visitação e estudo bíblico. Gosto de decorar o altar com flores, para os cultos da comunidade e eventos (festas) da paróquia.

3 - Coisas que fez, faz e gosta de fazer.

Gosto de visitar as pessoas doentes e enlutadas, fazer artesanato, ajudar nas festas e ornamentar o altar para os cultos da Comunidade.

4 - Coisas que mudaria ou faria de forma diferente.

Preparar e dedicar-se apenas para um ou dois tipos de atividade.

5 - Contribuições da vida de fé para a igreja e a sociedade.

Testemunhar, falar para outras pessoas as maravilhas e bênçãos recebidas das mãos de Deus em minha vida e na vida da minha família e amigos.

6 - Momentos marcantes da sua vida na comunidade.

Momentos marcantes foram: o primeiro evento (festa) realizado para levantar recursos e dar início à construção do primeiro salão da comunidade; a minha confirmação; meu casamento; o batizado e confirmação dos filhos; batizado dos netos; convite para a formação de um grupo de visitação; a construção e inauguração da sala destinada para trabalhos de grupos; a construção e inauguração da Igreja.¹¹⁸

3.5.9 História de Lilia Sasse Drews

A Lilia Sasse Drews foi a doadora do terreno, no qual o templo da comunidade Ilha da Figueira está construído. A história da Dona Lilia é uma parte inspiradora da fé que convida a ofertar com alegria e gratidão.

Lilia Sasse Drews nasceu no dia 23 de agosto de 1921 e faleceu em 23 de janeiro de 2011 aos 90 anos.

Aspectos que a Sra. Lilia considerava importante na vida da comunidade:

Harmonia na convivência comunitária, valorização da palavra de Deus, Pregação do Evangelho de Jesus Cristo.

Atividades nas quais participou e as quais considerava importantes para a sua vida:

Oase, Cultos e grupos de estudo bíblico.

Coisas que a Sra. Lilia gostava de fazer:

Ela gostava de ornamentar o altar com flores colhidas no próprio jardim, participar dos cultos, divulgar e falar para outras pessoas a palavra de Deus e manter as tradições religiosas.

Contribuições da vida de fé para a Igreja e a Sociedade:

A Lilia não via com bons olhos as festas com música e bebida que a comunidade fazia para arrecadar fundos (dinheiro). Ela, juntamente com o esposo Arnold Drews (em memória) decidiram, ainda em vida, doar um terreno com área de 1800 m² para construir a Igreja, hoje atual Comunidade

¹¹⁸ POMMERENING, Lúcia Marquardt. *História de Vida de Lúcia Marquardt Pommerening*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

Evangélica de Confissão Luterana Ilha da Figueira. Foi uma das fundadoras do grupo da Oase antes da comunidade existir.

Momentos marcantes na vida da comunidade:

A inauguração da Igreja.¹¹⁹

3.5.10 História de Luci Heidecke Bauer

A Luci Heidecke Bauer foi uma das fundadoras do grupo de OASE Antúrio, que deu início a Comunidade dos Apóstolos. Ela sempre participou de todas as atividades da comunidade. Dentre as atividades, ela foi mensageira da comunidade, ou seja, aquela pessoa que visitava as pessoas membro para levar as informações e convites da comunidade. Além disso, é a pessoa que ouve as alegrias e anseios das pessoas em relação a comunidade. A pessoa mensageira é aquela que motiva as pessoas a participar com alegria da comunidade. A história da Dona Luci é uma parte inspiradora da fé que nos chama a cativar as outras pessoas para a vida em comunidade.

Luci Heidecke Bauer nasceu em 31 de janeiro de 1931, na cidade de Blumenau – SC e faleceu no dia 29 de agosto de 2017, aos 86 anos em Jaraguá do Sul - SC. Luci era membra da Comunidade Luterana dos Apóstolos - Paróquia Apóstolo, Sínodo Norte Catarinense

Tempo de participação na IECLB:

Desde 1931, sendo batizada, confirmada, casada, batizando as duas filhas e os quatro filhos, depois enviando-os para o Ensino Confirmatório.

Aspectos que considerava importante na vida da comunidade:

União de todos, perseverança, fé e muita dedicação, motivação/vontade.

Atividades em que a Sra. Luci participava e que foram importantes para a sua vida:

A Luci frequentava os cultos no Centro de Jaraguá do Sul. Depois de participar de uma evangelização sobre Tempo, Talento e Tesouro, algumas senhoras resolveram se reunir na Rua Joinville e fundar um grupo de OASE denominado de FrauenHilfe. Luci foi uma das fundadoras desse grupo que teve início em 03 de março de 1968. Em 1973, quando Luci foi nomeada tesoureira, o grupo já contava com a participação de 23 senhoras. Ela também foi uma das fundadoras da Comunidade dos Apóstolos. Sempre esteve participando/trabalhando em tudo que se organizava na Igreja: festas, feijoadas, churrascos, pasteladas, rifas, limpezas, doações de toalhas, louças; adorava rechear e assar patos e frangos.

Em 1973, Luci se tornou mensageira: fazia visita aos membros da igreja, entregava os planos de culto, conversava, conquistava mais pessoas para participar da comunidade, vendia e entregava blocos de rifas, jornais, carnês de mensalidades. Também acompanhava o pastor nas casas de membros enfermos para ajudar a ministrar a Santa Ceia e fazer visitas. Participava nos grupos de Estudos Bíblicos e nas evangelizações.

No início, os hinos eram quase todos cantados em alemão, porque os membros da localidade falavam em alemão e alguns tinham dificuldade de falar português.

¹¹⁹ DREWS, Ingrid; DREWS, UDO. *História de Vida de Lilia Sasse Drews*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

Ela se orgulhava muito quando chegava o final do ano e não tinha nenhuma falta no grupo de OASE Antúrio. Depois, começou a participar no grupo de idosos Orquídea. Sempre ganhava presentes de participação. Participou também do Dia Mundial de Oração, Dia Sinodal da Igreja e muitos outros eventos. Entre os dias 01 de junho a 20 de julho de 1999, Luci participou do “Curso Básico da Fé”, ministrado pela Professora Isolde Herberts, Pastor Cláudio Herberst, Pastora Marli Helwig e Pastor Wilson Milton Schäffer (com direito a certificado). Em 2009, durante o 29º Baile no Vieirense, Luci foi debutante da terceira idade pelo grupo de Idosos. Em 15 de setembro de 2012, participou do baile comemorativo dos quinze anos das debutantes da Terceira Idade, no Parque de Eventos em Jaraguá do Sul-SC.

Luci fez muitas viagens com o grupo de Idosos dentro do Estado de Santa Catarina: Beto Carrero, no município de Penha; Lar Vila Elsa, em São Bento do Sul; Zoológico de Pomerode; Seminário de Corupá; Passeio com o Barco Príncipe, em Joinville; Cidade Histórica de São Francisco do Sul; Passeio Turístico em Florianópolis; Passeio Turístico em Brusque; entre vários outros.

Em janeiro de 2016, já com seus 85 anos de idade, com a saúde bastante debilitada e sem condições de andar, Luci entregou o cargo de **mensagemira**. Fez isso com muita dor no coração, pois era o que ela mais gostava: visitar os amigos de tantos anos.

Em fevereiro de 2016, em um Culto festivo, Luci foi homenageada pelos 43 anos dedicados à missão de **mensagemira**. Em dezembro do mesmo ano, teve a sua perna esquerda amputada. Apesar da idade avançada, por causa de sua grande vontade de viver, se recuperou rápido e voltou a participar do Grupo da OASE Antúrio, do Grupo de Idosos Orquídea e de todos os cultos. Em 29 de agosto de 2017, surgiram novos problemas de saúde, e Luci veio a falecer com 86 anos.

Coisas que fez, faz e gosta de fazer:

Luci sempre gostou de ajudar em todos os sentidos: trabalhando e visitando. Ela adorava cantar, viajar, participar de palestras, conversar, rezar, tudo que diz respeito a Deus ela adorava e acompanhava.

Contribuições da vida de fé para a Igreja e a Sociedade:

No início de tudo, Luci ajudou a criar um espaço para trazer a OASE para o bairro. Depois, ela iniciou o Culto Infantil nesse mesmo espaço. Com a ajuda de seu marido Harry Bauer, que era pedreiro, e dos demais membros da igreja, ela lutou para conseguir comprar um terreno e construir a Igreja e o salão.

Luci sempre ajudou a trazer mais membros para a Igreja, aconselhando, visitando, dando ideias para melhorias, fazendo cursos. Sempre arrumava tempo para se dedicar aos serviços de Deus.

A Oma Bauer, como era conhecida, era admirada e querida por todos, pelo seu carisma e determinação.

Momentos marcantes na vida da comunidade:

Para ela, tudo era marcante, desde ajudar numa festa, viajar, vender rifas, entregar o jornal, conversar com amigos até trocar ideias.

Seu marido Harry Bauer, foi o primeiro Presidente da Igreja Apóstolo João, e como pedreiro foi o construtor da mesma. Motivo de grande orgulho para a família. Ele chegou a receber honra ao mérito, já in memoriam.

Luci recebeu uma linda homenagem por todos os serviços prestados à comunidade. Ela ficou muito emocionada e grata a Deus por ter conseguido juntar as pessoas do bairro e partilhar um mesmo ideal durante 49 anos. Sempre serviu a Deus com pequenos gestos que representaram grandes feitos para a comunidade.¹²⁰

¹²⁰ MIRANDA, Isalora Bauer. *História de Vida de Luci Heidecke Bauer*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

3.5.11 História de Ruth Walz

A Ruth Walz sempre está disposta a ajudar em todos os espaços da comunidade, quando precisam dela. Ela serve na comunidade sempre com alegria e amor. A história da Dona Ruth é uma parte inspiradora da fé que convida a servir com amor e alegria.

Eu, Ruth Walz, tenho 65 anos, sou membra da Comunidade Martim Lutero – Ilha da Figueira em Jaraguá do Sul/SC. Participo da IECLB desde meu nascimento. Nessa igreja fui batizada, confirmada, participei do grupo de jovens e casei.

Para mim, os aspectos importantes na vida da comunidade são: o trabalho voluntário, solidário, trabalhos em grupos, etc. Participei do Grupo de Jovens, grupo de OASE Primaveras (língua alemã) e OASE Margaridas (língua portuguesa). Atualmente participo do grupo de OASE Martim Lutero (Comunidade Martim Lutero Ilha da Figueira), Projeto Catarinas, Mirians, Martas e Marias, Unindo papeis, Costurando Ideias (Paróquia A. João). Por diversas vezes atuei nos grupos como tesoureira, vice-presidente ou algum outro cargo. Também já fiz parte do presbitério de nossa comunidade e fui voluntária por diversos anos no Grupo de Idosos.

Sempre tento colaborar onde sou chamada, porque o que faço é por amor. Dentro da igreja sempre gostei de participar das atividades de grupos. Em casa amo me dedicar as plantas e jardim. Sempre que solicitada procuro de forma solidária auxiliar com serviços, ouvidos e ações.

Os momentos marcantes de minha vida na comunidade foram muitos, dentre eles, ter me casado nessa igreja, ter batizado meus filhos nela e ter tido o exemplo de serviço voluntário e dedicado de meus pais. Participo da IECLB desde meu nascimento, fui nessa igreja batizada, confirmada, participei do grupo de jovens e casei. Os aspectos importantes na vida da comunidade são: o trabalho voluntário, solidário, trabalhos em grupos etc... participei do Grupo de Jovens, grupo de OASE Primaveras (língua alemã) OASE Margaridas (língua portuguesa) atualmente participo do grupo de OASE Martim Lutero (Comunidade Martim Lutero Ilha da Figueira) Projeto Catarinas, Mirians, Martas e Marias, unindo papeis, costurando Ideias (Paróquia A. João). Por diversas vezes atuei nos grupos como tesoureira, vice-presidente ou algum outro cargo, também já por diversas vezes fiz parte do presbitério de nossa comunidade, fui voluntária por diversos anos no Grupo de Idosos, sempre tentando colaborar onde sou chamada, porque o que faço é por amor. Dentro da igreja sempre gostei de participar das atividades de grupos, em casa amo me dedicar as plantas, jardim... Sempre que solicitada procuro de forma solidária auxiliar, com serviços, ouvidos e ações. Os momentos marcantes de minha vida na comunidade foram muitos, mas um deles foi ter me casado nessa igreja, ter batizado meus filhos nela ter tido o exemplo de meus pais sempre servindo a igreja. Sou feliz sendo da Comunidade Evangélica Luterana!¹²¹

¹²¹ WALZ, Ruth. *História de Vida de Ruth Walz*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

3.5.12 História de Trudi (Gertrudes) Bublitz

A Trudi Bublitz acredita que a vida sem Deus é vazia e sem sentido. A história da Dona Trudi é uma parte inspiradora da fé que produz sentido e esperança para a vida.

Sou Trudi Bublitz, tenho 77 anos de idade e sou natural de Varno, Indaial/SC. Antes mesmo de meu nascimento, minha família já participava da vida da comunidade luterana. Nesta comunidade fui batizada e confirmada dando início a minha vida como cristã luterana a partir de meu batismo. Com o passar dos anos, me casei na igreja luterana do Centro de Indaial. A benção foi realizada pelo pastor alemão Oswald Fuchs Uber (in memória).

Sempre valorizei muito as belezas da vida comunitária refletidas na união, na criação e fortalecimento de amizades e principalmente como um lugar de muito acolhimento.

Isso vivenciei já desde a escola dominical em minha infância, depois no Ensino Confirmatório, e já há muito anos na OASE e grupo de pessoas idosas. Lembro-me de participar já desde o começo do grupo de OASE na casa da Frau Heidecke.

Em minha caminhada comunitária, quando minha saúde estava melhor, participei da visitação com Santa Ceia a pessoas doentes e idosas. Também, sempre estive disposição para ajudar nas festas e mutirões da comunidade. Gosto muito de minha comunidade, das pessoas e das atividades.

Acredito que a igreja já ajudou muito nossa cidade, de forma especial, através da educação com a Escola Evangélica. Acredito que uma vida sem Deus, é uma vida vazia.

Lembro-me com carinho de nossas bodas de ouro em 2009. A celebração foi em nossa comunidade, Comunidade dos Apóstolos. A igreja estava cheia com pessoas de nossa família e muitas pessoas amigas.

A vida de fé é muito importante para mim, auxilia na caminhada da vida, fortalece, nos dá forças para as lutas do dia a dia, e acima de tudo, nos enche e preenche de esperança.¹²²

3.5.13 História de Tusnelda Tilmann

A Tusnelda Tilmann sempre participou da vida comunitária. Ela reconhece que o mais importante é a união entre as pessoas. Essa união é presente de Deus, no qual entregamos o nosso caminhar e podemos confiar. A história da Dona Tusnelda é uma parte inspiradora da fé que convida a participar, a viver em união e a confiar.

Nasci em 17 de setembro de 1944, e fui batizada em 17 de dezembro do mesmo ano na Comunidade de Ascurra, Paróquia de Indaial/SC. Tenho hoje 73 anos de idade e participo da Comunidade Evangélica Luterana Vila Nova, Rua Catarina Marangoni, S/n, Vila Nova, Jaraguá do Sul/SC.

¹²² RUTHMANN, Jaime José. *História de Vida de Trudi (Gertrudes) Bublitz*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

Fui confirmada em 27 de outubro de 1957, na Comunidade de Ascurra/SC, pelo então pastor Frischuber. Na minha lembrança de confirmação consta o Salmo 37.5 que diz o seguinte: “Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e ele tudo fará”.

Casei-me no dia 01 de março de 1969, na cidade de Indaial/SC e em seguida, viemos morar em Jaraguá do Sul/SC. Por seis anos fomos membros da Paróquia Cristo Salvador, na Barra do Rio Cerro, onde batizamos nossa primeira filha, Giovana Tillman, nascida em 10 de agosto de 1973. Depois, nos mudamos para o centro pedindo nossa transferência para a Paróquia Apóstolo Pedro. Passado um tempo, os membros foram “separados” por região e nós, transferidos para a Paróquia Apóstolo João, Ilha da Figueira, Jaraguá do Sul/SC. Hoje somos membros na comunidade Evangélica Luterana Vila Nova, em Jaraguá do Sul, onde já estamos há 18 anos.

A união de parte dos membros é algo que considero muito importante na comunidade. Aos 14 anos de idade fui professora do culto infantil, em Apiúna/SC, por dois anos. Hoje, faço parte do presbitério no qual sou tesoureira, e também sou presidente da OASE Marta Maria que se reúne duas vezes ao mês. Gosto de participar do nosso grupo de OASE Marta Maria, fazer a recepção e as leituras bíblicas nos cultos, participar do estudo bíblico, ajudar nos eventos da comunidade, servir as pessoas.

Em 2014, nossa Paróquia um casal de ministros, a Pastora Pamela Milbratz e o Diácono Jaime José Ruthmann. Estamos muito felizes com as atividades que estão fazendo, sempre trazendo novidades.

Alguns momentos marcantes em minha vida: o ano de 2006, quando inauguramos a comunidade Vila Nova; O batizado da minha neta, Ana Paula Tillmann Horongoso, em 18 de junho de 2006, pelo Pastor Claudio Herberts – Ela foi a segunda criança a ser batizada nesta comunidade; Fiquei muito feliz que após vários encontros conseguimos, com um membro da nossa comunidade, financiamento para a construção do nosso salão de festas.

Outro momento abençoado por Deus foi encontrarmos o médico neurologista que descobriu a doença de minha neta, Camila Hinsching. Desde os quatro anos de idade ela começou a ter dificuldades para caminhar. Na parte da manhã ela andava, a tarde já tinha de se segurar nas paredes. Fomos a vários ortopedistas. Eles falavam que ela tinha problema nos tendões. Ela chegou a ir pra Curitiba fazer cirurgia em uma das pernas, mas nada resolveu.

Aos doze anos de idade ela veio passar férias com a avó. Ela estava muito apreensiva por causa do Culto de Confirmação. Ela estava com os pés tortos e não sabia como faria para entrar na igreja. Vendo a preocupação da menina pedi a Deus uma luz para poder ajuda-la. Foi quando liguei para uma enfermeira e pedi ajuda para encontrar um bom neurologista. Levei-a até o Dr. Alexandre Longo e a Pediatra Dra. Ana que disseram não ser problema de tendões, mas falta de dopamina no cérebro. Graças a Deus, ela andou normal e pode entrar com todos os confirmandos na igreja.

Graças a Deus eu só tenho a agradecer, por esta grande graça. Muito obrigada Senhor.¹²³

3.5.14 História de Wally Gaedtko Drews

A Wally Drews sempre percebeu como importante os diversos grupos dentro da comunidade, que fortalecem a união entre as pessoas. Ela também sempre foi

¹²³ TILMANN, Tusnelida. *História de Vida de Tusnelida Tilmann*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

uma motivadora de pessoas, em especial, de motivar a contribuir com responsabilidade e alegria. A história da Dona Wally é uma parte inspiradora da fé que compromete e une as pessoas.

A sra. Wally Gaedtke Drews (em memória) pertenceu, desde o seu batismo, à Comunidade da Ilha da Figueira, Paróquia Apóstolo João, até seu falecimento. Com a graça de Deus alcançou a idade de 89 anos.

Em sua caminhada de fé compreendeu a importância dos grupos comunitários como Escola Dominical, Grupo de Jovens, Diaconia, OASE e Grupo de Pessoas Idosas. Sendo que destes, participou ativamente da OASE e Grupo de Pessoas Idosas.

Wally sempre considerou importante a união das pessoas na vida comunitária e fora dela.

Na vida comunitária, Wally auxiliou através de sua responsabilidade com a contribuição (financeira) e na motivação de pessoas para participarem dos cultos. Ela e seu esposo sempre estiverem muito presentes em todos os momentos da comunidade. Uma grande alegria era quando as pessoas falavam de sua importância na comunidade.¹²⁴

3.5.15 História de Wanda Krueger Reinke

A Wanda Krueger Reinke percebe a sua atuação na comunidade como algo muito gratificante. Mesmo tendo sérios problemas de saúde, procura sempre ajudar no que é preciso. Ela ajuda no grupo de visitação, na OASE, faz leituras e escreve orações em alemão. A história da Dona Wanda é uma parte inspiradora da fé que motiva a superação das dificuldades pelo bem comum.

Nasci em 26 de Outubro de 1946, em Massaranduba/SC. Estou, portanto, com 70 anos. Sou filha de Ervino Krueger e de Wanda Kreis Krueger, já falecidos. Sou casada com Nelson Reinke há 52 anos. Temos 2 filhos e 2 filhas: Carmen, Arnildo, Rosima e Alirio. Atualmente, moro na cidade de Guaramirim-SC, na Avenida Egídio Peixe, localidade Ilha da Figueira.

Eu participo desde pequena da IECLB. Fui batizada em 1 de Janeiro de 1947 na Igreja Luterana no município de Massaranduba, localidade de Ribeirão Gustavo. Aos 08 anos comecei no Culto Infantil na localidade de Jacu-açú, Igreja da Paz, pertencente a Paróquia de Massaranduba. Também nessa Igreja fui confirmada no ano de 1960. No ano de 1965 casei na Igreja Luterana em Jaraguá do Sul/SC, Comunidade Apóstolo Pedro. Também nessa comunidade meus filhos e filhas foram batizados e batizadas. Hoje, setembro de 2017, pertencemos a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Martim Lutero, Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, Jaraguá do Sul-SC.

Eu participo da OASE Martim Lutero desde que ela foi fundada, em 16 de fevereiro de 2002. Há 10 anos, participo do grupo de Pessoas Idosas Hedwig Froelich Bruns, do qual eu sou secretária. No grupo e nas visitas às pessoas de fala alemã, auxilio a Pastora Pamela Milbratz e o Diácono Jaime José Ruthmann (não dominam a língua) nas leituras bíblicas e na escrita de textos em alemão.

¹²⁴ DREWS, Úrsula; RUTHMANN, Jaime José. *História de Vida de Wally Gaedtke Drews*. 2017. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>. Acesso em: 30 de novembro de 2017. (sem página).

Considero importante na vida da comunidade a convivência entre as pessoas, os momentos de orações, a visita as pessoas idosas e acamadas, levando a palavra de Deus, uma bênção e um abraço a elas.

Nem sempre consigo ajudar como gostaria, pois tenho muitos problemas de saúde. Há 07 anos eu fui atropelada por uma moto. Em consequência do acidente coloquei 13 pinos nas pernas esquerda e direita. Tenho também, uma úlcera nervosa. Embora tudo isso me cause dor e sofrimento, nunca desisti de testemunhar a palavra do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, pois acredito que ela deve ser levada a todas as pessoas.

As coisas que fiz e faço dentro da comunidade são muito gratificantes. Enquanto minha saúde permitir, quero continuar atuando nas atividades da comunidade, pois nelas, alimento e testemunho a minha fé no Deus altíssimo, no qual podemos confiar sempre. É Ele quem nos chama a contribuir na comunidade de fé.

Um momento marcante dentro da comunidade foi quando eu tinha 13 anos e frequentava o Ensino Confirmatório. Nessa época, o pastor da comunidade de Jacu-açú, Paróquia de Massaranduba, nos contou sobre sua história de vida. O pastor contou que logo após seu casamento começou a Guerra. Ele e muitos outros tiveram que ir para a Guerra. O Pastor Friedrich Karl Höeck viveu por dez anos “debaixo da terra” levando consigo a Bíblia e o seu relógio que ajudava a marcar os dias, meses e anos. Assim, ele não perdeu a noção do tempo, mas só pode ver o céu, a lua e as estrelas depois de dez anos. Essa história me tocou muito.

Outro fato marcante em minha vida foi a perda do meu irmão. Ele tinha 27 anos e faleceu cinco anos após o meu casamento. Um ano depois ocorreu a perda do meu saudoso pai. Sinto saudades deles até hoje. Porém, agradeço a Deus pela dádiva de ter podido conviver com eles. Agradeço a Deus, por meus filhos e minhas filhas estarem bem. Desejo que o Senhor Todo-Poderoso, Pai de misericórdia, continue nos abençoando, guiando e nos iluminando sempre.¹²⁵

3.6 Conclusão

O terceiro capítulo, através da campanha em Comunhão com as Vidas das Mulheres, apresentou as histórias das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. A campanha motivou as mulheres a narrar a sua própria história. O processo de narrar a sua história faz com que as mulheres “caminhem para si”. Esse caminhar para si motiva as mulheres a olhar para sua vida, para suas experiências, para suas memórias, para a contribuição que deram e que continuam dando, lá onde estão inseridas. Faz com que percebam que a sua história, suas experiências, seus dons, as coisas do Cotidiano e suas contribuições são relevantes para a produção do conhecimento histórico. O processo das mulheres narrar, escrever, e sistematizar sua história, cria conhecimento e recria a sua história pessoal, mas também a história coletiva.

¹²⁵ REINKE, Wanda Krueger. *História de Vida de Wanda Krueger Reinke*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

Todo esse processo permitiu que as mulheres fossem protagonistas. São elas que, através das suas experiências, marcadas pelos seus Cotidianos e subjetividade, resgataram e registraram as suas e as memória das mulheres, que fizeram e que fazem parte da história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. São as mulheres que têm vez e voz para saber, para contar e para registrar sua história, sua participação e protagonismo na História da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. São elas as artistas, que vão juntando, com criatividade e sabedoria, as partes da sua história e formando um inspirador mosaico de fé e protagonismo.

Resgatar o protagonismo das mulheres, é fazer jus a nossa herança Evangélica-Luterana do sacerdócio geral das pessoas crentes. Isso porque, esse resgate inspira homens e mulheres a reconhecer a importância de todas as pessoas, onde cada qual com suas qualidades e jeitos, participam e contribuem ativamente para a história da Igreja. Assim, a Igreja será verdadeiramente o corpo de Cristo, onde a inclusão é total, onde se afirma a dignidade e a importância de todas e todos e se anuncia a cidadania do Reino de Deus assim como Jesus o pregou.¹²⁶

¹²⁶ DEIFELT, Wanda. *Mulheres pregadoras: Uma tradição da Igreja*. Theophilos: Revista de Teologia e Filosofia. Canoas: Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Vol. 1. N. 2, 2001. p. 372.

CONCLUSÃO

Também nós somos feitos de cacos. Milan Kundera comparou a vida a uma partitura musical. O ser humano, guiado pelo sentido da beleza transpõe o acontecimento fortuito [o caco] para fazer dele um tema que, em seguida, fará parte da partitura da sua vida. Voltará ao tema repetindo-o, modificando-o, desenvolvendo-o, transpondo-o, como faz um compositor com os temas da sua sonata. Somos um mosaico espiral, à semelhança do Bolero de Ravel.¹²⁷

Nosso viver é feito de pedaços. Alguns pedaços bonitos, criativos, felizes, coloridos, inspiradores, encorajadores e transformadores. Outros pedaços tristes, que nos fazem ter vergonha, ter medo, que nos conformam com a realidade, que nos tiram a voz. Os nossos pedaços vão sendo feitos por nós mesmas e mesmos, pelas pessoas que nos rodeiam, por padrões e construções sociais. Podemos ser estimuladas e estimulados a juntar os nossos pedaços e produzir um belo mosaico. Mas também podemos receber o estímulo de fragmentar ainda mais os nossos pedaços. Um fragmentar tão grande que nossos pedaços vão se pulverizando tanto, que acabam se perdendo e apagando a nossa experiência, conhecimentos e existência.

Também as nossas experiências como mulheres, nossos conhecimentos e nossas contribuições são feitas de pedaços. Nossos pedaços foram fragmentados, pelas dicotomias e hierarquias, bases do patriarcado e androcentrismo. Um fragmentar que silenciou e marginalizou nossas experiências e contribuições. Um fragmentar que nos fez acreditar que o que fazemos e o que sabemos não é importante para o fazer histórico, por isso deve ser apagado e perdido. Através da análise da história escrita da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João, utilizando como ferramenta a Hermenêutica Feminista e seus elementos: Suspeita, Gênero, Desconstrução e Reconstrução, conclui-se que a mesma também apagou e perdeu a presença das mulheres.

Para modificar essa realidade, é imprescindível a reconstruir a maneira na qual fazemos e escrevemos a história. Para reconstruir a história são necessárias novas maneiras, novos paradigmas, que estimulem as mulheres a juntar seus pedaços e a formar um belo mosaico, produtor de conhecimento histórico. Concluímos que a Historiografia Feminista é uma grande inspiradora para esse

¹²⁷ ALVES, 2013. p. 15.

processo de formação de mosaico. Ela possibilita reconstruir a história das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João.

A Historiografia Feminista é inspiradora nesse processo, pois ela possibilita enxergar as mulheres como protagonistas e as suas experiências relevantes para a construção da história. Para isso, a Historiografia Feminista propõe uma nova relação entre teoria e prática, que resulta no olhar para a integralidade da vida e do ser humano. Esse olhar recupera a diversidade e a multiplicidade da vida, das relações e das experiências. Essa multiplicidade da vida, das relações e das experiências são importantes para o fazer histórico, que deixa de ser universal, para ser plural e inclusivo. Para esse processo, a Historiografia Feminista propõe a criação e recriação de novos paradigmas e conceitos. Na presente pesquisa, a Historiografia Feminista nos aproximou de três conceitos importantes, são eles: Experiência, Cotidiano e Memória.

A aproximação do conceito da Experiência possibilitou novamente considerar a Experiência Humana como produtora de conhecimento histórico. Essa percepção permite acolher a multiplicidade e a complexidade da vida. Ela faz compreender que todas as Experiências são importantes para a construção do conhecimento histórico. Dentre essas Experiências, estão as Experiências das mulheres, que são marcadas pela pluralidade de jeitos, contextos e pensamentos. Mas que é também marcada por uma unidade e solidariedade de Experiências, devido as construções sociais patriarcais, que pautam nossas relações. Essas construções patriarcais definem lugares sociais bem específicos para as mulheres, a saber o espaço doméstico e privado. Assim, as Experiências das mulheres, seus conhecimentos e contribuições estão muito marcadas por esses espaços. O desafio é que o privado e o doméstico não são considerados como espaço de criação de conhecimento histórico, pela forma tradicional de se fazer história.

Por isso, a Historiografia Feminista nos aproximou do conceito de Cotidiano. O conceito de Cotidiano foi menosprezado pela maneira tradicional de produzir conhecimento. A aproximação com o conceito de Cotidiano supera dicotomias e hierarquias. Ela acaba com a oposição entre privado e público, entre razão e sentimento, entre família e trabalho. O fim dessa oposição faz com que todos os lugares e jeitos sejam valorizados na produção do conhecimento histórico. Com isso, também os espaços, as experiências e os saberes das mulheres são produtores de

conhecimento histórico. Também elas têm direito de saber, de contar a sua história e de ter as suas Memórias preservadas.

Para a preservação das Memórias das mulheres percebe-se a pesquisa Autobiográfica, através das Narrativas das Histórias de Vida como uma excelente ferramenta de pesquisa. Isso porque, através delas, as mulheres têm o poder de contar a sua história, de olhar para as suas vidas, para as suas contribuições, percebendo-se como ser de valor nesse mundo. O processo de narrar a sua vida permite também transformar a sua história pessoal, como também reconstruir a história coletiva das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João.

Para o processo de reconstrução da história coletiva das mulheres é necessário ter uma motivação e uma metodologia. A motivação nos foi dada pela campanha da IECLB, intitulada: “Em Comunhão com as Vidas das Mulheres”. Ela que nasce no contexto dos 500 anos da reforma luterana. A reforma Luterana, que inspirou, no decorrer de toda a história, a mulheres e homens, com seus dons e jeitos, a testemunhar e a vivenciar a fé no mundo. Elas e eles fizeram isso inspiradas e inspirados pelo chamado que recebido no batismo. Esse chamado convida todas as pessoas crentes a servir. Isso porque entende que todas as pessoas são importantes para a Igreja, para sua história e para a sua missão. Essa maneira de viver a fé é denominada sacerdócio geral das pessoas crentes. Essa compreensão do evangelho, redescoberta pela reforma, foi um divisor de águas, pois acabou com as hierarquias e motivou homens e mulheres a reconhecer a importância de todas as pessoas. Apesar disso, como filhos e filhas dos seus contextos, as memórias, os feitos e o protagonismo das mulheres, no movimento da reforma e nas comunidades oriundas desse movimento, foram perdidas e silenciadas.

Para mudar essa realidade, a campanha Em Comunhão com as Vidas das Mulheres propõe resgataras memórias e “as histórias de mulheres, que fizeram e fazem a história da Igreja, colocando suas vidas, seus dons e suas habilidades a serviço do Evangelho; registrar suas vidas, seus feitos, seus ensinamentos.”¹²⁸ Através dela, foi possível coletar as histórias das mulheres da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. A campanha motivou as mulheres a narrar a sua própria história. O processo de narrar a sua história fez com que as mulheres

¹²⁸ STANGE; SOUZA, 2014. (sem página).

“caminhassem para si”. Esse caminhar para si motivou as mulheres a olhar para sua vida, para suas experiências, para suas memórias, para a contribuição que deram e que continuam dando lá onde estão inseridas. Fez com que percebessem a sua história, suas experiências, seus dons, as coisas do Cotidiano, suas contribuições como relevantes para a produção do conhecimento histórico. O processo das mulheres narrar, escrever, e sistematizar sua história, criou conhecimento e recriou a sua história pessoal, mas também a história coletiva.

Todo esse processo permitiu que as mulheres fossem protagonistas. São elas que, através das suas experiências, marcadas pelos seus Cotidianos, e subjetividade, resgataram e registraram as suas e as memória das mulheres que fizeram e que fazem parte da história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. São as mulheres que têm vez e voz para saber, para contar e para registrar sua história, sua participação e protagonismo na história da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Apóstolo João. São elas as artistas, que vão juntando, com criatividade e sabedoria, as partes da sua história, formando um inspirador mosaico de fé e protagonismo.

Um mosaico de fé e protagonismo que inspira a todas nós, em nossa diversidade de jeitos, histórias e experiências, a olhar para os nossos pedaços com carinho e respeito, percebendo-os como importantes. Um olhar que convida a perceber a cada uma de nós, como artistas, como criadoras e recriadoras da realidade. Um olhar que nos inspira a juntarmos os nossos pedaços, a nos darmos as mãos e num abraço amoroso motivamos umas as outros a juntar seus pedaços, formando assim nossos belos mosaicos, produtores de protagonismo e de transformação da realidade. Uma transformação que aproxima a Igreja e todo o mundo do sonho de Deus, do evangelho pregado e vivido por Jesus, no qual a inclusão é total e todas as pessoas têm a sua importância e dignidade afirmadas.

REFERÊNCIAS

- Á BÍBLIA, *Bíblia de Estudo Almeida*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005
- ALVES, Rubem. *Entre a Ciência e a Sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se Acredito em Deus*. São Paulo: Planeta, 2013.
- ALVES, Rubem. *Retratos de Amor*. Campinas; São Paulo: Papirus, 2007.
- ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte ou O Feitiço erótico-herético da teologia*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BARROS, Odja. *Uma Hermenêutica Bíblica Popular e Feminista na Perspectiva da Mulher Nordestina: um relato de experiência*. Dissertação de Mestrado em Teologia. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, 2010.
- CARVALHO, Marília Gomes de. A Dicotomia Masculino X Feminino na Construção de Gênero e suas Implicações Sociais. (In) COVALON, Nadia Terezinha; OLIVEIRA, Daniel Canavese. *Educação e Diversidade: a questão de gênero e suas múltiplas expressões*; Rio de Janeiro: Autografia, 2015.
- CHANTER, Tina. *Gênero: Conceitos-Chave em Filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CUNHA, Maria Isabel da. *O professor Universitário na Transição de Paradigmas*. Araraquara/SP: JM Editora, 1998.
- DEIFELT, Wanda. *Mulheres Pregadoras: uma tradição da Igreja*. Theophilos: Revista de Teologia e Filosofia. Canoas: Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Vol. 1, n. 2, 2001.
- DEIFELTD, Wanda; Temas e Metodologias da Teologia Feminista. In. SOTER (org). *Gênero e Teologia*. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: SOTER, 2003.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.
- Dicionário Online de Português. Disponível em: <www.dicio.com.br/hermeneutica>. Acesso em: 13 set. 2017. (sem página).
- DREWS, Ingrid; DREWS, UDO. *História de Vida de Lilia Sasse Drews*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 de novembro de 2017. (sem página).
- DREWS, Úrsula; RUTHMANN, Jaime José. *História de Vida de Wally Gaedtke Drews*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

EGGERT, Edla. PAIXÃO, Márcia. A Hermenêutica Feminista como Suporte para Pesquisar a Experiência das Mulheres. (In) EGGERT, Edla. *Processos Educativos no fazer artesanal de mulheres no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011.

EGGERT, Edla. Doméstico-Espaços e Tempos para as Mulheres Reconhecerem Seus Corpos e Textos. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (orgs.). *À flor da pele. Ensaio sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

EGGERT, Edla; PAIXÃO, Márcia Liane Leindcker da. A Cozinha de Katharina Von Bora: Teologia do cotidiano por meio de temperos, fervuras e cozimentos. (In) MUSSKOPT, André S; BLASI, Márcia. *Ainda Feminismo e Gênero: Histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI; FACULDADES EST, 2014.

EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da. Observações Sobre Pesquisa Autobiográfica na Perspectiva da Educação Popular nos Estudos de Gênero. *CONTEXTO & EDUCAÇÃO*. Ijuí: Editora Unijuí. Ano 26. nº 85. p. 51-68, Jan./Jun. 2011. p. 51-58.

FIORINZA, Elisabeth S. *As origens Cristãs: A partir da mulher: Uma Nova Hermenêutica*; São Paulo: Paulinas, 1998.

FIORINZA, Elizabeth Schüssler. *Caminhos da Sabedoria: Uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

GAEDTKE, Joanilde. *História de Vida de Joanilde Gaedtke*. 2017. Disponível em: www.luteranos.com.br/organizacao/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres. Acesso em: 30 de novembro de 2017. (sem página).

GAEDTKE, Rudiberto; GAEDTKE, Joanilde. *História de Vida de Erna Tank Gaedtke*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

GEBARA, IVONE. As Epistemologias Teológicas e suas Consequências. (In) NEUENFELDT, Elaine; BERGESH, Karin; PARLOW, Mara. *Epistemologia, Violência e Sexualidade: Olhares do II Congresso Latino Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal. Faculdades EST, 2008.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GIERUS, Renate. CorpOralidade – História Oral e corpo. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (orgs.). *À flor da pele. Ensaio sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

GIERUS, Renate. *História das Mulheres Cristãs: Uma historiografia feminista do cristianismo na América Latina e Caribe*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, Programa de Pós-Graduação EST, 2000.

GIERUS, Renate; RIETH, Ricardo Willy. *Além das grandes águas: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850: uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas*. Tese de Doutorado. São Leopoldo, Programa de Pós-Graduação EST, 2006.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2016.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Regimento Interno da IECLB*. 2015. Disponível em: <www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/regimento-interno-da-ieclb-1>. Acesso em: 01 out. 2017. (sem página).

JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Educação. Porto Alegre. ano XXX. n 3 (63), set/dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. *Histórias de vida e Projeto: A história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos*. São Paulo: Educação e Pesquisa, v 25, n 2, jul/dez. 1999.

KUSS, Cibele; WEISSHEIMER, Vera Cristina. *O Movimento da Reforma e a Participação das Mulheres*. 2013. Disponível em: <www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/o-movimento-da-reforma-e-a-participacao-das-mulheres>. Acesso em: 10 out. 2017. (sem página).

MAAS, Darci Becker Maas. *História de Vida de Darci Becker Maas*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

MATOS, Maria Izilda S. de. *Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea*. Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp. Nº. 11, 1998.

MENEZES, Magali Mendes; SÁ, Suliane. *Escritas que Emudecem ou Fazem o Corpo Falar*. (In) NEUENFELDT, Elaine; BERGESH, Karin; PARLOW, Mara. *Epistemologia, Violência e Sexualidade: Olhares do II Congresso Latino Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal. Faculdades EST, 2008.

MILBRATZ, Pamela. *História de Vida de Esther Lietz*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

MILBRATZ, Pamela. *História de Vida de Helga Maas Eggert*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

MIRANDA, Isalora Bauer. *História de Vida de Luci Heidecke Bauer*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

PAIXÃO, Márcia Liane Leindcker da. Narrativas de vida: Mulheres que aprendem e transformam suas histórias. (In) MUSSKOPT, André S; BLASI, Márcia. *Ainda Feminismo e Gênero: Histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI; FACULDADES EST, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição. *A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora*. Coisas do Gênero. São Leopoldo: Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST. Vol. 2 n. 2, ago.- dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2918/2718>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

PEDRO, Joana Maria. *Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. Online: História. Vol. 24, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>>. Acesso em: 20 maio 2017.

POMMERENING, Lúcia Marquardt. *História de Vida de Lúcia Marquardt Pommerening*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

PRIORE, Mary del. *Biografia: Quando o Indivíduo Encontra a História*. Revista Topoi. Vol. 10. N. 19, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi19/topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf>. Acesso em 17 ago. 2017.

RAGO, Margareth. *Epistemologia Feminista, Gênero e História*. (In) PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam. Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

REINKE, Wanda Krueger. *História de Vida de Wanda Krueger Reinke*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

RUTHMANN, Jaime José. *História de Vida de Trudi (Gertrudes) Bublitz*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Sílvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese Feminista: Resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: CEBI, Sinodal. São Paulo: Aste, 2008.

SCHÜNKE, Hiltrud Drews; RUTHMANN, Jaime José. *História de Vida de Irmgard Schulz Drews*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017. (sem página).

SCOTT, Joan, *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: Educação e Realidade, Gênero e educação. Porto Alegre: UFRGS, v. 16, n. 2. jul.- dez. 1990.

SILVA, Márcia Alves da; EGGERT, Edla. Descosturar o doméstico e a 'madresposa' - a busca da autonomia por meio do trabalho artesanal. (In) EGGERT, Edla. *Processos Educativos no fazer artesanal de mulheres no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. *A Emergência da Pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*. Revista Brasileira de História. Vol. 27, nº 54, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000200015>>. Acesso em: 21 abril 2017.

STANGE, Rosângela. SOUZA, Mauro Batista de. *Em Comunhão com as Vidas das Mulheres*. 2014. Disponível em: <www.luteranos.com.br/conteudo/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres-28700>. Acesso em: 30 ago. 2017.

TILLY, Louise A. *Gênero, História das Mulheres e História Social*. Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp. Vol. 3, 1994.

TILMANN, Tusnelda. *História de Vida de Tusnelda Tilmann*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

ULRICH, Claudete Beise; KLUG, João. *Presença e Atuação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Jaraguá do Sul*. Porto Alegre: Metrópole, 2008.

VALE, Lilian do. *Sob o signo da criação: memória como identidade*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, Vol. 20. N. 298, mar/abr, 1998.

WALZ, Ruth. *História de Vida de Ruth Walz*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

WITTHOEF, Helga Ehlert. *História de Vida de Helga Ehlert Witthoef*. 2017. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 de nov. 2017.